

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE – CCBS

PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DO DESENVOLVIMENTO

**RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS COM DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM E COMPORTAMENTO: UMA HISTÓRIA DE MUDANÇAS**

CAROLINA PAZ MUÑOZ NAJLE

SÃO PAULO

2008

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE – CCBS

PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DO DESENVOLVIMENTO

**RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS COM DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM E COMPORTAMENTO: UMA HISTÓRIA DE MUDANÇAS**

CAROLINA PAZ MUÑOZ NAJLE

**Pesquisa apresentada como
requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Distúrbios do
Desenvolvimento.**

Orientador: Prof. Dr. Geraldo A. Fiamenghi Jr

**SÃO PAULO
2008**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho com muito carinho,
Ao meu marido, minha linda filha,
À minha mãe, meu pai e meus irmãos,
À família do meu marido, que não deixa de ser minha.
E aos que já não estão mais presentes.
À minha amiga, que me agüenta há quase trinta anos.
Não podendo esquecer, meus alunos e companheiros de profissão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na realização desta pesquisa e a Deus.

Primeiramente ao meu marido e minha filha, pois a compreensão, cooperação, motivação e apoio foram fundamentais para que eu tivesse voltado a estudar.

À minha mãe e minha sogra, por toda a ajuda dada, principalmente por ter cuidado da minha filha, para que eu pudesse trabalhar e ter voltado a estudar.

Ao meu pai e meus irmãos, que me ajudaram bastante, principalmente em levar ou trazer alguma coisa para mim, ou mesmo ajudar a cuidar da minha filha.

Aos colegas e amigos de trabalho da Benfica-SCS; que me acompanharam desde a entrada na faculdade, minha formação, meu casamento, o nascimento da minha filha. Não poderia esquecer-me deles, nesta etapa.

Aos meus amigos e amigas, Silvana, Giórgia, Júnior, Giovanna, Leonardo, Renata, Haroldo, Andréia, Kleber, Déia, Maurício, pelas ausências e esquecimentos de algumas datas importantes.

Às escolas estaduais, por onde passei.

À escola Presidente Tancredo Neves, onde o apoio para a realização deste trabalho foi fundamental, não podendo deixar de colocar alguns nomes em especial, como Rose, Adriene, Teresinha, Cacilda, Carmem, João, Ana Paula, Ely, Evanir, Fátima, Clóvis, Valmir, Bernardete, Eliana, Vera entre outros.

À escola Joana Motta, pois é minha nova casa, e meus colegas de trabalho estão tendo muita paciência comigo.

À Secretaria de Educação de São Paulo, Diretoria Centro Sul, que me concedeu a Bolsa Mestrado para ajudar a pagar o curso, pois sem essa ajuda jamais poderia fazer o curso, e espero que continue ajudando aos demais professores.

Ao Mackpesquisa pela ajuda dada a mim e aos demais alunos do Mackenzie.

Aos colegas da minha turma de mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento, pois muitos ajudaram bastante, principalmente naqueles dias de desânimo.

A minha companheira de congressos Luciana.

Aos professores, pois o pouco tempo de aulas, foi suficiente para poder continuar a cursar este mestrado.

E não sendo por final, mas para a continuação de uma boa amizade, meu orientador Professor Dr. Geraldo A. Fiamenghi Jr, pois nas aulas dele foi que surgiu a idéia de como eu queria fazer minha pesquisa.

Obrigado a todos, pois este sonho que se realiza não é somente meu e de todos que fazem parte da minha vida.

‘Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.’ (Paulo Freire)

NAJLE, CMP. **Relação entre professores e alunos com dificuldades de aprendizagem e comportamento: Uma história de mudanças.** Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. SP: U. Presbiteriana Mackenzie, 2008. 100p.

RESUMO

Os relacionamentos interpessoais não são fáceis, e o relacionamento professor-aluno é um deles. Esta pesquisa demonstra como era o relacionamento dos professores com os alunos de uma sala com problemas de aprendizado, violência e indisciplina e como houve mudanças nesse relacionamento, a partir de alterações na forma pela qual os professores agiam e percebiam os alunos. Foram realizadas entrevistas com os professores de uma classe de 1ª. Série do Ensino Médio, numa escola pública da cidade de São Paulo, a partir de uma experiência vivenciada por eles, de mudanças na maneira de atuar com os alunos. A partir das entrevistas, foram criadas categorias, nas quais foram expostos os principais pontos referentes a como a família e o adolescente agem em relação à escola, como era o relacionamento dos alunos com os professores, as angústias e inseguranças destes, as propostas de mudança e os resultados de tais modificações para o relacionamento. Conclui-se que a escola deve estar atenta às mudanças dos jovens de hoje em dia, principalmente enfocando a formação do professor e uma escola que se proponha a ser reflexiva.

Palavras-chave: Relação professor-aluno, indisciplina, violência, professor reflexivo, escola reflexiva, família e escola.

NAJLE, CMP. **Relations between teachers and pupils with learning and behavior difficulties: A history of changing.** Master Thesis, Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. SP: U. Presbiteriana Mackenzie, 2008. 100p.

ABSTRACT

Interpersonal relations are not easy and teacher-pupil relation is one of those. This research shows the relations between teachers and pupils from a classroom with learning difficulties, violence and indiscipline and the changes that occurred after modifications in the ways the teachers acted and perceived the pupils. Interviews were conducted with teachers from a 1st year of a High-School class in a government school of São Paulo City. Categories were created based on the interviews and the main issues were shown, such as how the family and the teenager react towards school, how the relationship between the teacher and the class was, teachers' feelings of anxiety and insecurity, change proposals and their results for the relationships. It can be concluded that nowadays the school must pay attention to changes in youngsters, mainly focusing in teacher's formation and a proposal for a reflexive school.

Keywords: Teacher-pupil relations, violence, reflexive teacher, reflexive school, family and school.

SUMÁRIO

I. APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVAS	10
II. INTRODUÇÃO	13
1. Família	15
2. Adolescência	17
3. Indisciplina	18
4. Violência	22
5. Formação dos Professores	27
5.1. Professor Reflexivo	29
5.2. Diferenças na Escola Reflexiva	32
6. Relação Professor-Aluno	35
III. OBJETIVOS	40
IV. MÉTODO	41
V. ANÁLISE	43
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
VII. REFERÊNCIAS	66
VIII. ANEXOS	75

I. APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Muitos alunos me perguntam se eu sempre quis ser professora, mas essa profissão nunca foi a minha preferida. Quando cursava o ensino médio, me formei como técnica em processamento de dados, por muito pouco não passei no vestibular de engenharia da computação e trabalhei nesta área durante quinze anos como Coordenadora de CPD (Centro de Processamento de Dados). Mas, o trabalho com as máquinas não tinha nada de pessoal; eu desejava mais, isto é, trabalhar com pessoas. Assim, cursei Ciências Biológicas e também completei meu Bacharelado com o curso de Licenciatura, onde aos poucos, fui aprendendo a gostar de lecionar.

Realizando os estágios nas escolas, pude notar meu interesse pela Educação. Mas, para poder ser professora no Estado, tive que renunciar à minha cidadania chilena e abraçar a brasileira.

Em vinte e dois de abril de mil novecentos e noventa e oito, na data do descobrimento do Brasil, obtive minha naturalização, e neste mesmo ano passei no concurso público, que me deu o cargo que tenho hoje, como professora de biologia do ensino médio.

Incomoda-me como professora perceber que não basta ensinar biologia, pois os alunos não são números numa lista de chamada, são pessoas, com sentimentos e problemas. Além disso, certos comportamentos me intrigavam, e como professora da área da saúde, muitos alunos tinham e têm liberdade de conversar assuntos pessoais, e quando isso acontecia, eu pensava como eles conseguem aprender alguma coisa, com tantos problemas, principalmente familiares.

A escola não é somente um lugar onde pessoas vão aprender conteúdos, como matemática, português, biologia, etc. Temos que levar em consideração que a escola é uma instituição onde haverá a complementação da educação das pessoas, ou seja, elas vão aprender a observar as situações em que estão envolvidas e poderão assim analisar e criticar as regras que regem a sociedade em que vivem. Conforme Marriel et al (2006),

A escola é um lugar privilegiado para refletir sobre as questões que envolvem crianças e jovens, pais e filhos, educadores e educando, bem como as relações que se dão na sociedade. É também um universo onde a socialização, a promoção da cidadania, a formação de atitudes, opiniões e o desenvolvimento pessoal podem ser incrementados ou prejudicados. (p. 36)

No ano de dois mil e seis dentre as várias salas, havia uma bastante problemática na escola. Era um primeiro ano do Ensino Médio.

Nesta sala, vários professores não conseguiam trabalhar e muitos, durante as reuniões pedagógicas questionavam a forma de agir com os alunos. O maior problema daquela sala era a violência dos alunos.

Um dos professores (de geografia) da daquela sala enfrentava mais dificuldades, pois era muito tradicionalista e não fazia adaptações na maneira de ensinar. Ele teve problemas graves com essa sala sendo que sua moto foi riscada e quebrada.

A Vice-Diretora da escola reuniu a sala, fazendo com que os alunos ficassem em círculo para que eles pudessem dizer o que tanto os incomodava, quais os motivos da agressão para com alguns professores. Eu estava

presente, e cada um dos alunos expôs o lado negativo de cada professor. A vice-diretora, então, reuniu-se com alguns dos professores mencionados para comentar os resultados do encontro com os alunos.

O professor de geografia decidiu mudar a maneira de trabalhar com a sala e organizou uma peça de teatro, utilizando o conteúdo programático. O professor trabalhou e atuou junto com os alunos, era também um dos personagens. Ele montou as falas e o cenário, juntamente com os alunos. Foram de sala em sala anunciando o dia do espetáculo, vestidos a caráter. A peça foi simples, mas podia-se notar no olhar de cada um a felicidade de estarem fazendo algo diferente, com resultados positivos, conseguindo quebrar uma barreira que se tinha criado entre o professor e aqueles alunos.

Esta experiência foi muito positiva, pois embora eles possam não ter assimilado o conteúdo, a relação professor-aluno mudou. O professor passou a ser pessoa de fácil acesso e os alunos começaram a respeitá-lo.

A partir da observação dessa experiência, quando surgiu a oportunidade de cursar o Mestrado, vi a possibilidade de pesquisar e relatar como alguns professores conseguem mudar suas aulas, tentando atingir seu aluno, de uma maneira em que ele perceba que a relação professor e aluno é importante. Conforme Vasconcellos (2001),

...a Educação constitui-se em possibilidade democrática de universalização do conhecimento, facultando a todos iguais condições de exercício consciente de cidadania, desenvolvimento individual participação consciente tanto na sociedade, quanto em seus processos produtivos. (p.12)

II. INTRODUÇÃO

Quando nascemos, recebemos vários estímulos, os quais vão ajudar no nosso desenvolvimento. Com o passar do tempo vamos para a escola aprimorar alguns aprendizados e ver um mundo novo, como o das letras e o dos números, além de aprender o que é certo ou errado na sociedade.

No decorrer de nossa vida, os conteúdos de nossa aprendizagem, além de serem passados pela família, também são transmitidos pela igreja, pela comunidade, por vizinhos, amigos, etc. Este tipo de aprendizado é feito de maneira informal, mas quando a criança começa a sua vida escolar, a estrutura torna-se formal, em que o professor é o veículo transmissor das informações necessárias para o desenvolvimento das crianças e dos jovens. Conforme Gohn (2006),

Na educação formal sabemos que são os professores [...]. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc. (p.29)

A falta de diálogo entre as pessoas de uma família, a agressividade existente na TV e nas brincadeiras, a falta de locais apropriados para que os jovens 'liberem' sua agressividade, a violência que eles presenciam dentro de casa, leva a uma forma inadequada de relacionamento com o mundo e cada vez mais, podemos verificar nos meios de comunicação a violência ser colocada meramente como um recurso para o aumento de audiência, principalmente na TV. Fiamenghi e Ximenez Filho (2001) explicam que,

Uma das questões atuais ligadas à agressão esta na ausência da participação da família em promover ume espaço adequado para a criança e o adolescente trabalharem a sua agressividade. Quando a violência contra a mulher e os abusos contra os filhos têm crescimento em números alarmantes, fica difícil imaginar um lócus familiar acolhedor para grande parte das crianças brasileiras. (p.28)

Os professores têm enfrentado muita dificuldade para lecionar. Os alunos não se sentem motivados para aprender, alguns querem apenas conversar com os colegas, outros escutam música, etc. Muitos professores ficam angustiados e até perdem o controle, sem saber o que fazer. Assim os próprios professores desestimulam-se para ensinar, ficam sem vontade de ir trabalhar e acabam se deprimindo. Com isso, ocorre o afastamento de professores, defasando o quadro docente numa escola. Demo (1999) e Franchi (1995) explicam a desmotivação dos professores em lecionar, mostrando que, além dos problemas com os alunos, há os baixos salários, o desgaste com a escala de horários, pois muitos professores lecionam em várias escolas em períodos diferentes, para poderem receber um pouco mais. Tapia et al (2001) escrevem que:

Um dos problemas que nós, professores, enfrentamos no dia a dia é o dos alunos que não parecem ter interesse algum em compreender e aprender o que tentamos ensinar. Quando deparamos com alunos aparentemente pouco motivados, tendemos a pensar que são desinteressados, que sua atenção está em outras coisas, que talvez

não lhes interesse o que ensinamos porque não o entendem etc.

(p.13)

Devemos recordar que a escola deve ser entendida como um local onde se transmitem conhecimentos, não somente históricos e culturais, ou de qualquer tipo de ciências, mas é também um local onde se formam os cidadãos, sua consciência sobre seus direitos e deveres (Estrela, 2002). A idéia que a escola trabalha para a socialização das pessoas é discutida por La Taille (1996), explicando que a sociedade deve lembrar que a escola prepara ao exercício de cidadania e que para ser um bom cidadão, os alunos devem também ter respeito pelos espaços públicos e não deixar de lado as normas da sociedade.

1. Família

A família exerce influência muito grande sobre o desenvolvimento das crianças (Fiamenghi e Messa, 2007; Pratta e Santos, 2007). Não podemos deixar de lembrar que as primeiras pessoas com quem o bebê tem contato são de família, mãe, pai, irmãos, avós, tios etc. Assim, ela é responsável pela educação dos seus filhos, é a precursora da educação informal, pois transmite seus costumes, suas tradições, fazendo um histórico dos seus antepassados, ou seja, cada família constrói sua própria história, imprimindo sua marca, uma herança a ser perpetuada (Sarti, 2004). Sendo assim temos que levar em consideração como são as famílias dos alunos, pois elas afetam as crianças e

os jovens em suas atitudes, em seus comportamentos, nos cuidados em relação à saúde, sempre observando sua realidade particular (Ruschel e Castro, 1998; Wagner et al, 1999; Charlot. 2000).

Mora et al (2005) descrevem que a família, independentemente como ela seja, é base para podermos enfrentar as etapas da vida e com isso os jovens aprendem como agir no seu cotidiano, mediados pela forma como são criados e pela comunicação entre pais e filhos.

Rivera e Milicic (2006) enfatizam a participação dos pais na educação formal dos jovens, ou seja, quando as famílias participam ativamente na vida escolar dos filhos, a qualidade do ensino fica muito melhor.

Marcelli e Braconnier (2007) ressaltam que muitas das dificuldades que os adolescentes enfrentam estão associadas a problemas familiares, como divórcio, instabilidade dos pais.

Com essas modificações nas famílias podemos verificar hoje em dia que ela se ausenta da vida escolar de seus filhos, não somente em reuniões, mas também acompanhando o cotidiano do seu filho.

Podemos ressaltar que muitas atitudes tomadas pelos pais (por exemplo, a violência doméstica) são refletidas no comportamento de seus filhos, gerando uma negatividade nos jovens, que levam essa agressão para as escolas. Conforme Chechia e Andrade (1995),

...considera-se ainda que, em muitos casos, os pais interferem negativamente na vida escolar, o que acaba prejudicando o comportamento em sala de aula. Neste sentido, para a escola, os pais não têm apenas que estar presentes, mas devem também assumir o papel ativo no cotidiano escolar dos filhos. O apoio e a

participação dos pais na vida escolar dos filhos colaboram com a escola no sentido de se obter um trabalho de classe mais equilibrado. (p.431)

2. Adolescência

Adolescência (do latim *adolescencia*), é o período em que as pessoas estão saindo da infância, passam por uma fase de transformações corporais e psicológicas, que é denominada puberdade (pode ocorrer dos 12 aos 20 anos) e vão entrar na idade adulta (Ferreira, 2005).

Camarano et al (2004) caracterizam a adolescência como uma fase de transição entre o mundo das crianças e o mundo dos adultos, entre a infância e a maturidade.

Compreender o que significa esta fase de transição na vida das pessoas pode ajudar a entender certos comportamentos dos alunos, pois esta pesquisa trata das relações entre professores e alunos que estão na fase da adolescência.

Coates (1997) caracteriza a adolescência como uma fase onde o desejo de maior autonomia e independência começa a surgir, gerando mudanças nas estruturas familiares podendo trazer a tona problemas e conflitos dos seus próprios pais que ocorreram no passado deles, pois o processo pode gerar uma auto-avaliação dos pais em relação a seu presente, seu passado e como vai ser seu futuro.

Assis et al (2003), colocam que a adolescência é uma 'fase' menos conhecida do que a infância, pois é pouco estudada, mas desde os antigos filósofos é descrita como uma impulsividade e excitabilidade do jovem.

Marcelli e Branconnier (2007) explicam diferentes modelos para a compreensão dos adolescentes. O primeiro é o modelo fisiológico, em que ocorre a crise pubertária, com as transformações no corpo, tanto nas meninas como nos meninos, ou seja, os hormônios sexuais vão definir as características secundárias de cada indivíduo. O segundo modelo é o sociológico, que depende do tipo de cultura na qual o jovem está inserido e como é o relacionamento com seus pais, pois em determinadas sociedades, a adolescência não existe. O terceiro modelo exposto pelos autores é o psicanalítico, no qual

...a ênfase recaíra sobre um aspecto mais específico: a excitação sexual, e as modificações pulsionais, o corpo, o luto, a depressão, os meios de defesa, o narcisismo, o ideal do eu, ou ainda o problema da identidade e das identificações. (p.26)

O último modelo é o cognitivo e educativo, que abrange as modificações cognitivas e um grande crescimento no intelecto do jovem.

3. Indisciplina

Estrela (2002) explica que o conceito de indisciplina tende a ser denominado como negação, privação ou mesmo desordem, originária da

'quebra' das regras impostas pela sociedade. A autora diz que existem vários tipos de disciplinas, como militar, familiar, religiosa. Além disso, não podemos falar em indisciplina sem termos uma noção das mudanças sociais e econômicas, que acompanham a história do homem.

Aparentemente, a indisciplina está piorando nas escolas e com isso a agressividade aumenta e algumas pessoas podem acreditar que a indisciplina e a agressividade estão levando a escola à falência. Não sabemos ao certo se é a indisciplina, a agressividade ou mesmo o descaso político com a educação que está realmente levando à crise na Educação. Além disso, é necessário considerar as desigualdades econômicas, que podem estar aumentando essa agressividade nas escolas. Conforme Estrela (2002),

A escola, sistema aberto em interação com o meio, não pode ficar imune às tensões e desequilíbrios da sociedade envolvente e, por isso, poderá ver-se a indisciplina que actualmente perturba a vida de muitas escolas como um reflexo dos conflitos e da violência que grassa a sociedade em geral. As desigualdades econômicas e sociais, que crescentemente se têm vindo a agravar fenómenos preocupantes de exclusão social, a erosão da coesão familiar, a crise de valores e o conflito de gerações são alguns dos factores que podem explicar os desequilíbrios que afectam tanto a vida social como a vida escolar. (p.13)

Muitos adolescentes têm atitudes assustadoras, tanto em casa como nas salas de aula. Professores e pais não conseguem compreender o jovem

de hoje em dia, apesar de que muitas famílias não participam como deveriam da educação de seus filhos. Conforme Fiamenghi e Ximenez Filho (2001),

A sociedade está cada vez mais estarecida com as atitudes de adolescentes frente ao mundo moderno. Pais, educadores e instituições tentam atribuir a responsabilidade a outrem, mas se esquecem de que as relações que deveriam estar mais próximas da criança ou do adolescente, ou seja, as relações familiares, estão cada vez mais distantes, desfiguradas e alteradas. (p.27)

Não podemos esquecer que muitos jovens não têm perspectivas para o futuro, e acabam sendo usuários de drogas e de álcool. O ideal para eles é o dinheiro fácil, que acaba por vir do tráfico de drogas. Cabe também salientar que muitos jovens fazem parte de gangues, onde o importante é demonstrar força para poder ser aceito, o que influencia na agressividade e na indisciplina. Ainda de acordo com Fiamenghi e Ximenez Filho (2001),

...a ausência de perspectivas de vida e relações familiares consistentes e a promessa de possibilidades de ascensão e dinheiro rápido, transformam o jovem em conflito com sua identidade, em presa fácil para os grupos ligados ao tráfico. Algumas escolas têm entre seus alunos usuários de álcool ou de drogas, que potencializam a indisciplina e a agressividade. (p.33)

La Taille (1996) discute que a indisciplina ocorre na sala de aula por causa do enfraquecimento entre a moralidade e o sentimento de vergonha. O autor destaca o seguinte,

Toda moral pede disciplina, mas toda disciplina não é moral. [...] Portanto, ao abordar a questão da disciplina pela dimensão da moralidade, não estou pensando que toda indisciplina seja condenável moralmente falando, nem que o aluno que segue as normas escolares de comportamento seja necessariamente um amante das virtudes [...]. Mais ainda, certos atos de indisciplina podem ser genuinamente morais. (p.19-20).

Observamos também que os pais transferem responsabilidades, principalmente para a escola, pois estão ocupados demais com o trabalho, que pode ser o dia todo, com os cuidados com a casa e com sua própria aparência física. Os filhos acabam sozinhos, na rua ou sob cuidados de outros, que nem sempre são pessoas que fazem o que um pai ou uma mãe deveria fazer, por exemplo, perguntar como foi seu dia na escola, auxiliar nas tarefas dadas pelos professores. Como consequência, os professores vêm exercendo cada vez mais a função de 'pai' ou 'mãe' dos alunos, principalmente os indisciplinados (Vasconcelos, 2001).

O professor ensina, não somente o conteúdo de sua disciplina, mas busca fazer com que o aluno aprenda a pensar, a fazer questionamentos sobre os conteúdos ensinados, sua função não é a de fazer com que seu aluno aprenda bons modos, ou como se comportar (Martins da Silva et al, 2001).

Hübner e Tomazinho (2001) ainda colocam que muitas análises feitas sobre a indisciplina e o fracasso escolar recaem sobre os desajustes

familiares, problemas afetivos alterações de conduta, principalmente na sala de aula.

Deve-se dizer que alguns professores conseguem fazer uma troca com seus alunos, deixam suas aulas mais interessantes e os alunos interagem com eles e, assim, o professor acaba se sentindo recompensado pelo seu trabalho. (Araújo, 2000).

O termo indisciplina não pode somente ser usado como indicação negativa; podemos considerar também como uma resistência de alguns alunos ao autoritarismo de alguns professores, ou de funcionários da escola, à falta de respostas coerentes às questões que o aluno faz a seus professores (Camacho, 2001).

Estrela (2002) cita que devemos tomar cuidado com o termo indisciplina, pois não se pode confundir a indisciplina escolar com a social. Devemos também distinguir indisciplina da delinqüência juvenil, mas sempre tomando em consideração que a violência acaba afetando a escola.

4. Violência

A violência nas escolas não é uma novidade dos novos tempos, ela sempre existiu. Oliveira e Martins (2007) discutem este assunto, que vem deixando a sociedade preocupada e a maneira como tem ocorrido e, conforme Charlot (2002),

Na verdade, historicamente a questão da violência na escola não é tão nova. Assim, no século XIX, houve, em certas escolas de 2º

Grau, algumas explosões violentas, sancionadas com prisão. Da mesma forma, as relações entre alunos eram freqüentemente bastante grosseiras nos estabelecimentos de ensino profissional dos anos 50 ou 60. Todavia, se a violência na escola não é um fenômeno radicalmente novo, ela assume formas que, estas sim, são novas. [...] surgiram formas de violência muito mais graves que outrora: homicídios, estupros, agressões com armas. [...] dão a impressão de que não há mais limite algum, que, daqui por diante, tudo pode acontecer na escola. (p.432-433).

Em meados de 1980, a mídia começou a fazer denúncias sobre a falta de segurança dos prédios, das ruas, invasões, roubos, nas escolas, principalmente na periferia de São Paulo. Ainda nas palavras de Sposito (2001),

É no quadro de uma ampla demanda de segurança por parte dos moradores das periferias dos centros urbanos que o fenômeno da violência nos estabelecimentos escolares torna-se visível e passa a acompanhar a rotina do sistema de ensino público no Brasil, desde o início dos anos 1980. Nesse momento, a mídia, sobretudo a imprensa escrita e a televisão, age como espaço possível de ressonância de denúncias que afetavam a vida dos estabelecimentos escolares situados na periferia de cidades como São Paulo. Em geral, o tom predominante era o de expor as precárias condições dos prédios quanto aos equipamentos mínimos de proteção. Eram denunciadas, também, as constantes depredações dos edifícios e invasões, observadas nos períodos ociosos, em especial nos fins de semana. (p.90)

A violência também é explorada pela mídia, pois as crianças assistem a desenhos e em jogos, onde a violência é uma coisa normal, sendo que os pais acreditam ser natural, não colocam limites no que seus filhos vão assistir ou mesmo do que vão brincar.

Às vezes, na sala de aula encontramos alguns alunos irritados, inquietos. Esses mesmos alunos podem se dispersar da aula e levar outros à dispersão. O professor vendo o tumulto pode tomar alguma atitude que não agrada a seus alunos, fazendo com que eles ajam com agressividade sem ter um motivo para isso.

A mídia e mesmo professores e funcionários da escola, têm noticiado que alunos entram armados nas escolas, fazem parte de gangues, invadem e depredam as escolas, roubam os materiais novos, como computadores, que são para uso dos alunos. De acordo com Fiamenghi e Ximenez Filho (2001),

Em muitas escolas, principalmente aquelas da periferia, a indisciplina já virou caso de polícia, com professores sendo agredidos ou ameaçados de morte por alunos pertencentes a gangues de rua, em geral, ligados às drogas. (p.33)

Podemos completar com Nóvoa (1999), ressaltando que sociedade atual é ambígua, pois no século XX houve um grande investimento nos jovens, mas notou-se um aumento na separação das famílias, e elas acabaram deixando de lado a educação.

A violência não está somente dentro da escola, mas ao seu redor, pois muitas escolas encontram-se em periferias, dentro de favelas, em locais bem

distantes dos centros urbanos, em que os alunos e qualquer funcionário, ao irem até a escola podem sofrer atos de violência, como assaltos, tiroteios, etc.

Além da vizinhança onde se encontra a escola, temos que verificar como é a estrutura do prédio, das ruas (como iluminação), da segurança; o cuidado com quem entra na escola, com que tipo de ‘aparelhos’ os alunos entram na escola. Nas palavras de Abramovay (2003),

...o foco é o ambiente das escolas, que envolve desde seu entorno, o bairro no qual estão localizadas, até as formas de segurança no trânsito – faixas de travessia de pedestres, condições das ruas, guardas de trânsito, etc. Para que se compreenda melhor as diversas manifestações que a violência assuma nas escolas, compara-se e descreve-se, também, a estrutura física dos estabelecimentos escolares. Examina-se, ainda, o controle da entrada e saída dos alunos e a disposição e qualidade das instalações físicas, que tornam mais ou menos vulnerável o acesso ao interior das escolas. (p.29)

A violência também ocorre quando há omissão de alguém, sem tomar nenhum tipo de atitude. Alguns professores agem dessa maneira, deixam seus alunos fazerem o que querem na sala, e não relatam os fatos ocorridos aos responsáveis. Conforme Morais (1995),

Na linha de pensamento até aqui traçada, passa a chamar-nos a atenção um tipo de violência que, em campo educacional, tem passado um tanto despercebido: a violência das omissões. Afinal, o professor é habilitado, admitido pela escola, autorizado pelos pais e

responsáveis para intervir em suas vidas; de tal modo que não cabe ao mestre negar-se a fazer o que precisa fazer. (p.47)

Charlot (2002) escreve que é preciso distinguir as formas de violência, como a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola,

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. [...]. A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. [...] a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...). (p.434)

Outro tipo de violência que tem trazido à tona vários problemas sociais é o *bullying*, pois Marriel et al (2006) a ressaltam como forma de violência que humilha muitos alunos (com apelidos, ofensas por alguma deficiência, raça,

religião) ou mesmo professores, que são provocados pelos alunos 'agressivos'.

Melo et al (2007) citam o *bullying* como ato de violência e em outros países, como o Chile pode-se notar o aumento da violência nas escolas nestas últimas décadas, especialmente o *bullying*, sendo verificada a interferência da violência no convívio social entre os jovens, a família e a escola (Villalta et al, 2007).

O estudo da violência nas escolas não é exclusividade de países em desenvolvimento, mas as grandes potências também estão sofrendo com as agressões de alunos e outras pessoas, na escola e em casa (Santos, 2001).

5. Formação de professores

Para que os professores possam educar cidadãos responsáveis, devem primeiramente ter uma boa formação. O professor deve não apenas saber 'seu conteúdo', mas saber lidar com pessoas totalmente diferentes, com culturas diferentes, com problemas, talvez que ele mesmo nunca tenha vivenciado.

Carvalho (2000) explica que na década de 1920 começaram a surgir sinais do desgaste dos 'modelos pedagógicos' que existiam desde o século XIX, em decorrência das mudanças políticas, sociais e econômicas da época.

Na década de 1970, alguns professores eram formados nas faculdades, de pedagogia, filosofia, etc., mas isso não era suficiente para formar um bom profissional (Mello, 2000). Além disso, devemos nos recordar que alguns alunos cursando o ensino médio com ênfase em magistério, já podiam lecionar

para o ensino fundamental I (1ª a 4ª séries). Com a atual LDB (Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional), este curso foi extinto e as pessoas que desejam seguir a profissão de professor de ensino fundamental I deverão cursar Pedagogia.

Nóvoa (1999) escreve que nos dias de hoje o maior papel dos professores é de construir uma sociedade do futuro. O autor destaca que políticos e intelectuais colocam que a profissão dos professores deve ser dignificada, valorizada, com maior autonomia profissional, para que sua imagem social se torne mais importante. Mas sabemos que em muitos casos, isso não passa de 'palavras ao vento'.

Podemos notar que, cada vez mais, os professores aparecem como profissionais desqualificados, mas mesmo recebendo estas críticas eles continuam sendo cobrados como formadores de cidadãos, mas para isso eles necessitam estar sempre em contínua atualização da sua formação. Conforme Nóvoa (1999),

Por um lado, os professores são olhados com desconfiança, acusados de serem profissionais medíocres e de terem uma formação deficiente; por outro lado, são bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os considera elementos essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural. (p.13)

Muitos professores tornam-se individualistas, adquirindo o status de funcionário do governo; muitos vêem a profissão de docente como uma

profissão não agradável, com baixa remuneração, e não observam que podem trabalhar em conjunto (Nóvoa, 1999).

Devemos salientar que para que ocorram as mudanças na educação dos nossos jovens é necessário investir na formação do professores, não somente na esfera profissional, mas no desenvolvimento pessoal, no decorrer de sua carreira, em todos os níveis, desde o estudante do curso de licenciatura, o estagiário, o professor efetivo, o professor não efetivo, o professor eventual e o professor aposentado.

5.1. Professor Reflexivo

Perrenoud (2002) escreve que a formação de professores perde-se num labirinto dos mecanismos institucionais e disciplinares. O autor explica que cada um acaba defendendo seu próprio território e não há um trabalho em comum e sim unilateral, o que é também enfatizado por Zeichner e Liston (2003).

Todos podem pensar sobre suas ações profissionais e até mesmo pessoais, mas isso não significa que somos profissionais reflexivos, pois ser reflexivo é ser um profissional que sempre está refletindo sobre suas ações e tentando fazer com que elas sejam revistas e adequadas ao dia a dia. Conforme Perrenoud (2002),

...essa postura deve se tornar quase permanente, inserir-se em uma relação analítica com ação, a qual se torna relativamente independente de obstáculos encontrados ou das decepções. Uma

prática reflexiva pressupõe uma postura, uma forma de identidade, um *habitus*. (p.13)

Nóvoa (1999) afirma que a profissionalização dos professores depende da possibilidade de construir um saber pedagógico que não seja apenas instrumental, mas isso pode até levar a desvalorização do professor. E coloca a necessidade de uma inovação, de mudanças na formação de professores e no surgimento do professor reflexivo, mas ele salienta que a Universidade é uma instituição conservadora e que acaba tornando o professor apenas um profissional nos modelos antigos, e que a Universidade não aprimora o conhecimento do professor.

Castro (1995) afirma que o professor reflexivo é aquele que deve ser adequado para poder atender o mercado de trabalho de hoje, com isso o perfil do professor passa a ser mais participativo, ter mais autonomia para no cotidiano escolar. Podemos notar que a formação dos mesmos deve mudar, para poder acompanhar as mudanças no mundo de hoje.

Notamos que nos últimos anos o governo tem até investido na formação inicial e continuada dos professores, mas nas palavras de Nóvoa (1999),

...Mas, tanto num caso como no outro, há tendências claras para a “escolarização” e para a “academização” dos programas de formação de professores. Assim sendo, e apesar da retórica do “professor reflexivo”, os resultados conduzirão, inevitavelmente, a uma memorização dos professores ante os grupos científicos e as instituições universitárias. [...] gostaria de perceber como é que os professores reflectiam antes de os investigadores terem decidido

que eles eram “profissionais reflexivos”. E encontrar processos que valorizem a sistematização dos saberes próprios, a capacidade para transformar a experiência em conhecimento e a formalização de um saber profissional. (p.15)

Castro (1995) afirma que com a ‘globalização’ os alunos devem desenvolver mais habilidades cognitivas para poderem de adaptar as várias funções que o mercado de trabalho anda exigindo. O mercado de trabalho exige profissionais polivalentes e com certa flexibilidade, com isso a formação de bons profissionais é essencial para o mercado de trabalho, logicamente que isso sempre foi importante, mas agora a exigência está maior.

Assim essa exigência de melhorar os profissionais, recai na escola, pois são os professores que vão dar início a formação formal dos jovens.

Portanto, os professores devem acompanhar as mudanças que ocorrem no mundo, e ter um conhecimento melhor sobre várias outras áreas que não sejam as dele, pois necessita ter conhecimentos nas ciências humanas, sociais, econômicas, etc.

Os professores hoje devem colocar em prática as noções de competência, habilidades, competitividade, conforme Castro (1995),

Essas medidas vão sendo disseminadas a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9.394/96 (BRASIL, 1996), por meio de várias ações políticas e pedagógicas, tomadas no âmbito da formação com o objetivo de redirecionar o papel da educação e da escola. (p.473)

Dias-da-Silva (1998) salienta que a formação de um professor crítico e reflexivo, e que os mesmos formem pessoas críticas é um desafio, mas um desafio necessário para que qualquer tipo de mudança possa ocorrer.

Onde devemos sempre estar favorecendo, motivando o ensino e os professores devem sempre estar se atualizando, e não podemos deixar de salientar que as Universidades também têm papel fundamental na formação desse professor e de estar oferecendo cursos de aperfeiçoamento.

5.2. Diferenças na Escola Reflexiva

Buratto et al (1998) escrevem que ocorre um 'descompasso' entre o ritmo da vida e o da escola, isto é, a mudança da escola é lenta, perde seu papel de educar, ao passo que outros veículos da mídia, como a internet que são mais rápidos, ocupam lugar na vida dos jovens. Sendo assim, a escola perde seu atrativo e, obviamente, sua função. Podemos notar que algumas escolas, principalmente as públicas, têm colocado no mercado pessoas desqualificadas, aliado ao aumento no índice de desistência e repetência. Del Prette et al(1998) caracteriza o ensino tradicional muito limitado onde o aluno age como receptor de informações, caracterizado também por Gadotti (2000).

Entretanto, podemos notar pequenas mudanças nas escolas, como a informatização, por exemplo.

Para que ocorram algumas mudanças, para podermos ensinar alguém, não devemos esquecer que devemos ter amor pelo que estamos fazendo. Para que seja bem feito, o egoísmo deve ser deixado de lado; educar não significa impor o conhecimento e as escolas devem deixar se preocupar com a

estatística e sim preocupar com a qualidade do conhecimento, não com a quantidade. Conforme Freire (2007),

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo.

Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar.

Não há educação imposta, como não há amor imposto. (p.29).

As mudanças não devem ocorrer somente com o professor, mas a escola deve acompanhá-las, pois se estamos exigindo professores mais reflexivos, a escola deve ser também (Alarcão, 2005).

A escola reflexiva deve ser, nas palavras de Alarcão,

...o conceito de escola reflexiva, as características de liderança institucional, a centralidade do currículo, o papel dos professores e dos alunos, a interação com a comunidade, a permanente qualificação profissional e o renovado desenvolvimento institucional. (p.76).

Pereira e Ely (2005) escrevem que a escola reflexiva deve tentar unir comunidade e escola; deve sanar os medos do 'novo', pois os próprios professores se sentem ameaçados por este 'novo'. Como muitas das propostas fogem da realidade do dia-a-dia dos professores, eles ficam desmotivados a seguir ou tentar mudar a maneira como trabalham. No entanto, se a escola é reflexiva, esses medos devem ser discutidos e solucionados por todos os que trabalham na escola.

Ainda nas colocações de Pereira e Ely (2005),

...gerir esta escola requer a existência de professores igualmente reflexivos, que pensem e implementem ações visando uma qualidade de ensino e aprendizagem. Deseja-se, assim, um professor autor de idéias e pensamentos, que busque respostas para as suas indagações e não seja um mero reproduzidor de práticas não refletidas. (p. 63).

Conforme os autores acima, nossos professores não podem ter as suas 'mão atadas' em relação a como ensinar, eles precisam ser críticos e passar ao seu aluno a forma como contestar certas normas com fundamento, e a escola deve estar preparada para isso.

Assim a nova escola deve buscar ser autônoma em suas ações, ser mais simples, ela deve criar condições para todos, deve produzir seu planejamento onde exista ação e reflexão, seja dinâmica.

Alguns autores expõem que os professores devem ter apoio pedagógico e que sempre estejam sendo atualizados na sua formação (Dias-da-Silva, 1998; Pereira e Ely, 2007).

Pereira e Ely (2007) descrevem que,

... gestão, formação e ação não são elementos hierárquicos numa escola reflexiva. São elementos que interagem, se fundem, se completam num espaço onde o diálogo é fator determinante. (p.65)

6. Relação Professor-Aluno

As relações interpessoais nem sempre são fáceis, e a relação professor aluno não pode ser diferente. Muitos autores como Aquino (1996) e Raposo et al (2005) ressaltam que a relação professor aluno é o cerne do processo educativo. Kullook (2002) explica que toda a aprendizagem deve ter como base o bom relacionamento, entre professores, alunos, colegas de sala, funcionários etc., onde o diálogo, o respeito são fundamentais para que estes relacionamentos funcionem.

Estrela (2002) explica que quem tem o saber tem o poder de conduzir as relações e, em relação ao professor, este não é um saber qualquer, é um saber útil para a sociedade.

Túnel et al (2005) descrevem que, no convívio social as experiências de cada indivíduo possibilitam que as relações possam dar resultados positivos, mas para que esta relação funcione é necessário saber ouvir o que o outro diz, pois cada aluno tem uma situação que nunca é igual à dos outros. Segundo Freire (2007),

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educando a rigorosidade metódica com quem devem se aproximar. (p.26)

Estrela (2002) escreve que devemos tomar cuidado com as diferenças entre os tipos de relações existentes, pois o substantivo *relação* sempre vem

acompanhado de algum adjetivo, por exemplo, relação parental. Sendo assim, a relação pedagógica é diferente da relação educativa. A autora salienta que essa diferença ocorre em vários relatos históricos e pode-se notar que as gerações mais velhas passavam os ensinamentos para os mais novos, ou seja, sua família, as tribos, os religiosos, etc. Hoje, em vários locais, os jovens são obrigados a saírem das famílias para poderem receber a educação necessária.

Portanto, Estrela (2002) explica que

...vão se definindo as duas vertentes da Pedagogia bem expressa na sua definição tradicional: “arte e ciência da educação. Enquanto a arte, remete para o campo da prática [...] enquanto a ciência , remete para o campo do conhecimento sistematizado e reflectido.

Ainda nas palavras da autora, a maneira pela qual o conhecimento é transmitido intencionalmente, com carácter reflexivo, é o que diferencia a relação pedagógica da educacional.

Muitos professores resistem ainda a terem uma relação mais amistosa com seus alunos que são pessoas com dificuldades e sofrimentos. Assim, cada professor deve saber trabalhar estes problemas na sua disciplina, para que seja solidificada uma relação amistosa, facilitando aos alunos assimilar o que lhes é pedido. Raposo et al (2005) colocam que, embora a dificuldade de relacionamento entre professores e alunos seja uma realidade das escolas, existem escolas que conseguem construir um bom relacionamento e verifica-se que nestes lugares há um bom desempenho no trabalho dos profissionais envolvidos.

Não podemos deixar de ressaltar que na escola atual, os alunos são bem diferentes daqueles do passado, em que o relacionamento professor-aluno quase não existia; sendo assim notamos que a relação professor-aluno também mudou, todos almejam uma escola democrática, não mais tão autoritária, onde o centro era professor. Conforme Vasconcelos (2001),

...a relação professor-aluno mudou, assim como foi modificada própria visão de escola. Hoje, diferentemente do passado (não tão distante), o aluno é o centro do processo e sua aprendizagem, desenvolvimento social e formação passaram a ser prioridades do cotidiano social. Atualmente, preconizamos uma escola democrática. (p.22)

Caso na escola os alunos encontrem um lugar onde possam se expressar, sem agressividade, talvez criem um vínculo com ela e uma relação mais adequada com seus professores. Nas palavras de Fiamenghi e Ximenes Filho (2001),

...se a escola for uma local onde existia acolhimento e respeito humano, talvez as normas possam ser respeitadas pela própria segurança que oferecem: um espaço onde se produza crescimento humano, não uma estrutura de produção em massa de seres robotizados, frustrados e prontos para explodir à menor situação de conflito. (p.38)

O diálogo pode ser a melhor maneira de um professor atingir seu aluno, pois numa relação, o 'ato da conversa' é muito importante e o aluno sabe

disso. O professor demonstrando coerência em seus argumentos, por exemplo, para contornar uma situação de indisciplina, acaba demonstrando sua importância na sala de aula. Conforme Hübner e Tomazinho (2001),

...o discurso do professor passa a ser um elemento importante, por ter o poder de vivificar ou minar essa interação, ou no mínimo, modificá-la em múltiplas direções. (p.65)

A conversação é uma das maneiras pelas quais podemos fazer com que as pessoas se aproximem de nós ou, ao contrário, dependendo de como usamos as palavras, elas podem se afastar. Conforme Schabbel (2002),

Pessoas e grupos sociais se relacionam através da comunicação. A partir da revolução cibernética, a linguagem deixa de ser tão somente um sistema semântico e sintáxico passando a fazer parte do rol de comportamentos humanos. Linguagem é ação e como tal dá ênfase emocional ao conteúdo da conversação, aproxima ou afasta pessoas. (p.15)

Por isso, a aprendizagem de nossos alunos se dá através da comunicação, do diálogo e caso isso ocorra de forma pacífica, entre ambos os lados, os alunos sentem-se mais seguros e se aproximam mais de seus professores. Ainda nas palavras de Schabbel (2002),

A aprendizagem ocorre através do diálogo permitindo que o conhecimento assimilado de acordo com a estrutura e visão de mundo aprendiz. Em outras palavras, o conhecimento adquirido no espaço social da escola favorece a reflexão e a cooperação, facilita

a mudança e o crescimento. [...] Para que os alunos se sintam confortáveis no espaço da escola, o professor ao ser receptivo permite que o aluno se aproxime para que juntos criem e recriem uma caminhada formadora baseada na solidariedade e no respeito mútuo. (p.15).

III. OBJETIVO

Estudar, sob a óptica do professor, como as mudanças na sua atuação com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e de comportamento podem modificar positivamente a relação desses professores com seus alunos, numa classe de 1º. ano do ensino médio, de uma escola pública estadual da cidade de SP.

IV. MÉTODO

Participantes

10 Professores de uma classe de 1º. ano do Ensino Médio

1 Coordenador de Ensino Médio

1 Vice-Diretora.

Local

Uma escola pública de Ensino Fundamental (ciclo I e II) e Ensino Médio, da região Sul da cidade de São Paulo.

Procedimento

Foram realizadas entrevistas com os professores, coordenador e vice-diretora, para que eles contassem sua experiência em relação às mudanças quanto à metodologia de ensino, empregada numa classe de 1º. ano do ensino médio e como eles perceberam as modificações na interação com seus alunos.

Foram realizadas entrevistas com 7 dos 10 participantes: professores de geografia, português, matemática, inglês, coordenador do ensino médio e vice-diretora. A professora de física não teve horário livre para poder dar as entrevistas. Os professores de química, história, artes e educação física tiveram problemas de horário e não puderam participar. O professor de filosofia saiu da escola.

As entrevistas foram individuais e gravadas, a partir de horários agendados previamente com os participantes, após a leitura da Carta de Intenções aos Participantes da Pesquisa e assinatura do Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I). Além disso, foi apresentada à escola uma Carta de Intenções à Instituição e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado pela diretora da escola, autorizando a realização da pesquisa.

A pesquisa não trouxe risco aos participantes e estes poderiam retirar-se a qualquer momento. O sigilo quanto à identidade dos participantes foi mantido e os resultados serão utilizados apenas para fins de pesquisa científica.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da U. Presbiteriana Mackenzie (Processo N° 0048.0.272.000-07).

V - ANÁLISE

Dos onze professores que trabalharam com a sala do primeiro ano do ensino médio, apenas sete deram entrevista. O coordenador pedagógico e a vice-diretora também participaram.

As entrevistas foram realizadas em horários marcados, feita individualmente. Cada entrevistado teve ciência da carta de intenções e da carta de consentimento livre, a qual foi assinou.

A instituição teve ciência e autorizou as entrevistas no seu local e a continuação da pesquisa. Não houve intercorrências na realização das entrevistas.

Não houve interferência da pesquisadora em relação às respostas, cada participante descreveu como foi trabalhar com a sala de primeiro ano do ensino médio naquele ano.

Cada professor expôs sua maneira de ensinar, seus medos, suas frustrações, seus limites e suas modificações em relação àquela sala.

Dos quatros professores, que não deram entrevistas, três não foram encontrados, pois como não são efetivos, geralmente não estão na mesma escola nos anos seguintes, e apenas uma professora não teve tempo em seus horários para poder fornecer a entrevista, pois alguns professores acumulam cargos e lecionam desde o horário da manhã, tarde até a noite para completar seu orçamento.

Os professores foram nomeados com as primeiras letras das disciplinas que lecionavam naquela época, sendo: G – Geografia, I – Inglês, M – Matemática, B – Biologia, P – Português, A – Artes, H – História, CP –

Coordenador Pedagógico e VD – Vice-Diretora. Como explicado nos procedimentos, os nomes não foram citados.

Após a transcrição e leitura extensiva das entrevistas, foram criadas categorias para a análise das falas dos professores. A fim de que os pontos comuns de todas as falas categorizadas fossem mais facilmente visualizados, foram utilizadas cores diferentes para os elementos comuns entre elas, segundo a tabela abaixo, em que as categorias estão expostas (as entrevistas estão em Anexo III).

TABELA I – ELEMENTOS COMUNS ENTRE AS FALAS DOS PROFESSORES POR CATEGORIAS

CATEGORIAS	CORES
Relação Professor- aluno	Red
Comportamento: indisciplina, violência, cooperação.	Pink
Aprendizagem: atenção/desatenção, copistas	Yellow
Expectativas dos Docentes	Blue
Família: Adolescentes, pais, moradia, classe social,	Purple
Sentimentos e estímulos: alegria, medo, tristeza, decepção	Light Green
Ética profissional – Autoritarismo/ reflexivo	Orange
Mudanças – Comportamento, aprendizado, relações	Light Orange

1. RELAÇÃO PROFESSOR- ALUNO

Neste item descrevemos como era a relação professor-aluno e as relações interpessoais que ocorriam na escola.

As relações são muito importantes para que haja uma boa convivência entre as pessoas, onde a comunicação é fundamental, conforme Schabbel (2002), Estrela (2002), Morales (2000) e Freire (2007) entre outros autores. Quando existe uma falha na comunicação, ou um não sabe ouvir o outro, os relacionamentos acabam se desintegrando e trazendo à tona vários comportamentos indesejáveis como o desrespeito entre as pessoas e a agressividade, entre outros. Podemos notar bem a importância da comunicação nas seguintes falas:

‘...no primeiro instante tentei conhecer os alunos, saber quem eram de onde vinham...não havia mais diálogo...’. (Professor G)

‘...nas primeiras semanas consegui controlar a sala, os alunos ainda não tinham conhecimento direito dos professores...’.
(Professor G)

‘...procurava conversar com os colegas, e encontrar uma solução para poder alcançar algum objetivo...eu percebi que não se chega ao aluno...’ (Professor P)

‘...procurei manter um nível de interação mais estreito, menos formal...e que, sem comprometimento, a relação ensino aprendizagem dificilmente ocorreria de forma satisfatória.’
(Professor M)

‘...ter um relacionamento um pouco melhor do que os demais professores...tinham ‘liberdade’ de conversar assuntos pessoais...como dizer, acabaram me poupando, ou seja, eu era considerada uma boa professora...mas mesmo assim a relação de alguns com certos professores não era nada amigável.’
(Professor B)

‘...o trabalho do professor de geografia foi bom para os alunos em relação ao professor de geo, mas nada mudou nas minhas aulas...’ (Professor H)

‘...num ato de desespero resolvi conversar com eles...nesse dia eu fiz um círculo e pedi que cada um falasse um pouco de si se apresentar...foram colocando e começaram a, e crucificar alguns professores...que os professores não paravam para conversar, não davam trégua, não davam a chance...’ (Vice Diretora)

Como notamos nas entrevistas dos professores, principalmente na do professor G, no início do ano os alunos não apresentavam problemas aparentes. No decorrer do ano, o relacionamento com alguns professores começou a mudar. A comunicação entre os alunos e o professor G já não existia mais, como ele mesmo disse. Já a relação entre eles e os demais professores e direção era boa. Assim podemos supor que, se não havia uma boa relação entre aluno e professor, o ensino estava sendo muito prejudicado,

pois a comunicação é essencial para a aprendizagem dos alunos (Aquino, 1996; Kullo, 2002; Raposo et al 2005).

Os outros professores tentavam ter um relacionamento mais amistoso com seus alunos.

Estrela (2002) e Tunes et al (2005) explicam, com outras palavras, o que a Vice-Diretora estava colocando em prática. Ela estava ouvindo cada aluno, e respeitando suas queixas, e 'corrigindo' algumas delas. Não podemos deixar de mencionar que Freire (2007) também ressalta que o educador democrático deve ouvir seu aluno, pois eles não são todos iguais.

Não podemos deixar de salientar que o aluno de hoje é muito diferente, o relacionamento tende a ser diferente do passado e o professor precisa acompanhar essas mudanças (Vasconcelos,2001).

2. COMPORTAMENTO

Neste item foi considerado o comportamento dos alunos referente à violência, indisciplina e cooperação.

Podemos verificar que por falta de diálogo, a relação dos professores na sala em questão começou a ficar difícil, com isso a violência, o temor, a agressividade a falta de respeito mútuo começou a pesar na sala de aula. Este assunto foi abrangido por vários professores, como exposto abaixo:

'controlar a sala' mas depois ela 'tornou-se' incontrolável (nas palavras do professor G)

'A indisciplina era total e pior agora havia além da indisciplina a falta de respeito... os alunos se alegrava em ver o professor nervoso...' (Professor G).

'Alguns alunos negativos, tipo 'barra pesada', aquilo se transformou em um grupo agressivo que se protegia e se voltava contra o professor em todos os sentidos, distorcendo as palavras mudando tudo a favor deles, causa medo!...alguns...literalmente presos por delitos graves!'
(Professor I).

Podemos notar nas palavras da professora o temor em trabalhar com aqueles alunos era bem visível, e ela somente ficou mais tranqüila quando o ano letivo terminou, dizendo: ***'e assim graças a Deus o ano letivo acabou'***.

Pergunta-se como alguém pode ficar durante um ano temendo uma sala de aula. Marriel (2006) explica que se há uma melhora na relação entre professor e alunos e se os métodos tradicionais fossem colocados de lado, a violência tenderia a diminuir.

Com os demais professores o depoimento sobre violência e indisciplina foram os seguintes:

'todos os professores tiveram problemas disciplinares...comigo não foi diferente...aluno problemático, desinteressado e indisciplinado' (Professor P).

'conseguiam me tirar do sério' (Professor B)

'...pesquisa para discussão, virava bagunça.... sala muito indisciplinada...eram bem bagunceiros...'(Professor H)

'...surgiram problemas disciplinares graves, desde colocarem fogo na sala de aula (lixo), situações de desrespeitos...'
(Coordenador Pedagógico)

'...características bem difícil, alunos desajustados, desagrupados,...era uma sala muito agressiva com características entre eles semelhantes e a violência era uma dela, então eles não obedeciam, eles não respeitavam...' (Vice Diretora)

Nota-se que o comportamento violento e indisciplinado era mais voltado aos professores G e I do que aos demais,

'... e começaram dar nomes a estes professores e um deles era o professor de geografia(G) na época o professor (G), ... alunos, não entendiam essa preocupação do professor, eles achavam que o professor era um carrasco, hum, outros professores também como a professora (I) de inglês, imagine inglês para ele ...eles não queriam saber de aprender outra

língua,... também foi outra professora que eles e, e, falaram citaram na época. (Vice Diretora)

Segundo os relatos, a sala era indisciplinada, mas alguns professores conseguiam trabalhar com ela. As dificuldades de relacionamento de apenas dois professores levaram a situações de comportamento graves, o que nos leva a concordar com Charlot (2002), que explica,

.... para descrever o que se passa hoje em alguns estabelecimentos escolares: de um lado, violências, transgressões e incivildades estão, por vezes, intimamente misturadas nos comportamentos quotidianos; de outro, o acúmulo de incivildades (pequenas grosserias, piadas de mau gosto, recusa ao trabalho, indiferença ostensiva para com o ensino...) cria às vezes um clima em que professores e alunos sentem-se profundamente atingidos em sua identidade pessoal e profissional - ataque à dignidade que merece o nome de violência. (p.437)

Liberal et al (2005) escrevem que a violência tem influência do meio social e familiar onde o jovem está inserido, mas não se pode deixar de lado que a escola cria também um ambiente de insegurança, medo, repreensão, autoritarismo por parte de alguns.

Podemos hipotetizar que os professores mais autoritários e menos flexíveis tinham mais problemas com a sala, no que se refere à indisciplina e violência de maneira mais agressiva.

Como Marriel (2006) escreve, a violência é uma forma de poder de um tem sobre o outro e a conquista do mesmo gera diversas formas de violência, e com isso surge a discriminação, preconceito, e ela coloca também que surge uma crise da autoridade do 'professor' ou mesmo da fraca capacidade do profissional saber lidar e resolver democraticamente, os problemas ocasionados pela violência, e que notamos como professores que cada escola, cada direção tem atitudes diferentes sobre como lidar com a violência, a indisciplina ou qualquer outro problema que ocorra na sala de aula.

3. APRENDIZAGEM

Esta categoria refere-se à assimilação ou não de algum conteúdo, ou seja, se os alunos conseguiram adquirir algum conhecimento novo, que poderia ajudá-los no seu desenvolvimento social, econômico e pessoal.

Assim sendo aqui foi observada a atenção, desatenção, se eram alunos copistas, como aprendiam os conteúdos expostos pelos professores e as tarefas exigidas pelas disciplinas.

Nas palavras do professor G podemos notar que os alunos não o obedeciam nas tarefas e reclamavam muito, mas isso também ocorria com a maioria dos professores. Podemos notar em cada palavra dos professores

'...eu trabalho, não tenho tempo para fazer trabalho manuscrito não, ...mais as notas ... diga-se de passagem vermelhas...perguntavam se ia valer nota...' (Professor G)

‘...defasagem de aprendizagem...carências múltiplas...quanto à aprendizagem podia dizer-se era um mero detalhe... (Professor I)

***‘...não tinham menor interesse em aprender, o quer que fosse...’
(Professor P)***

‘...muitos alunos não possuíam o mínimo de conhecimento básico para cursarem a série. (Professor M)

‘...era uma sala muito cheia...tinham problemas terríveis, que o menos que eles queriam era aprender...’. (Professor B)

‘...A cobrança era que eles queriam que eu parasse com os trabalhos, com as atividades em grupo e colocasse a matéria na lousa...eles queriam cópia, cópia e cópia.’ (Professor H)

‘...uma sala com todas as dificuldades, principalmente falta de interesse pelas matérias.’ (Professor A)

‘...dificuldade de concentração da sala...quando chegavam a noite na escola não agüentavam ficar dentro da sala de aula,

com metodologias de aulas tradicionais... (Coordenador Pedagógico)

'...eles não faziam as atividades propostas... não queriam saber de aprender outra língua, eles mal falavam a língua deles, a língua mãe o português.....eles não tinham condições de progresso e no conhecimento no que se diz a questão de conteúdos não é um conhecimento, do conteúdo...' (Vice Diretora).

Com o professor H podemos notar que os alunos não gostavam de fazer as atividades, de fazer apresentações, gostavam apenas de copiar; para ele eram apenas copistas.

Para o Coordenador Pedagógico os alunos não estavam gostando de alguns professores que eram voltados para as aulas tradicionalistas, pois eles tinham muitas dificuldades no aprendizado, e com alguns métodos antigos, as aulas ficavam cansativas.

Os professores I e B colocam que os alunos tinham problemas sérios fora da escola, problemas familiares, econômicos e sociais. Muitos não tinham objetivos na vida. Nas palavras de Freire (2007),

...inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento... É preciso insistir: este saber necessário ao professor- que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser aprendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser ...(p.47)

Na opinião desses professores não havia como conseguir cumprir algum conteúdo sem antes saber o que eles realmente estavam fazendo na sala de aula, pois a escola mais parecia um refúgio dos problemas do que um lugar onde o conhecimento deveria ser transmitido e a socialização feita, o que é corroborado por Charlot (2002). Schabbel (2002) coloca que sem diálogo não existe o aprendizado

4. EXPECTATIVAS

Todos nós temos expectativas em relação a algum fato, como esperar o nascimento de uma criança, o primeiro emprego, um simples passeio na praia, geralmente expectativas positivas. Não é diferente com os professores no início de cada letivo. De como serão suas salas, se virão alunos motivados, mas surge a expectativa negativa, de medo em relação às salas como a violência a indisciplina.

Nesta a categoria colocamos aquilo que os professores esperavam daquela sala, tanto no início, como no decorrer do ano letivo.

'...foi um ano cheio de expectativas, planejamento de aulas, reuniões, imaginando alunos interessados,...disciplinados...o dialogo que eu queria... (Professor G)

...é lembrar todos os dias em que trabalhamos no ano de 2006, pois era um desafio e uma incógnita todas as aulas...

(Professor P)

...seria importante uma adequação do conteúdo a ser dado...

(Professor M)

..surpreenderam todas as expectativas... (Professor A)

Visto que muitas das expectativas foram frustradas, a motivação também deixou de existir; alunos, professores e funcionários desmotivados geram problemas no relacionamento entre eles. Franchi (1995) e Tapia et al (2001) explicam que, com a falta de motivação, os professores acabam se tornando pessoas deprimidas, gerando até a ausência na escola por tempos indeterminados.

5. FAMÍLIA

Neste item explicamos como a família era vista pelos comentários dos professores. Sabemos que ela exerce muita influência sobre os jovens, (Fiamenghi e Messa, 2007; Prata e Santos, 2007; Berenstein, 2002 e Faria Filho, 2000).

'...classe social baixa, muitos com família desestruturadas...foram criados apenas pelas mães, as quais saiam para trabalhar cedo e voltavam tarde...faixa etária de 15 aos 17 anos...idade problemática...alunas mães...na minha visão apenas eram pobres...que estavam gerando pobres...consegui falar com alguns pais...seus pais iriam criticar-los...famílias estares distantes...ele fica com os colegas e eles tem parâmetros errados...seja da TV ou seja na rua...'
(Professor G)

'...conhecer a alma desses adolescentes, cheio de sonhos e frustrações....' (Professor P)

Poucos professores fizeram comentários sobre a família desses alunos, mas as poucas palavras dos professores G e P podem nós levar a considerar que a família desses alunos não era estruturada, com problemas sociais, econômicos, comportamentais e sem vínculo com seus filhos.

Vários autores enfatizam a importância da família e as conseqüências da desestrutura na formação do jovem desde criança até a sua idade adulta, como Balancho(2004), Fiamenghi e Ximenez Filho (2001), Ruschel e Castro (1998); Wagner et al (1999) e Nóvoa (1999) .

Marcelli e Braconnier (2007) expõem que se os alunos têm problemas com seus pais em enfrentar instabilidades, por exemplo, seu rendimento não é nada bom nas escolas, o que também é comentado por Hübner e Tomazinho (2001).

6. SENTIMENTOS E ESTÍMULOS

Neste item cabe salientar as emoções, medos e demais sentimentos que a sala daquele primeiro ano ocasionava nos professores e demais funcionários da escola. Aparentemente, os sentimentos, na maioria das vezes eram mais negativos do que positivos, pois nenhum professor tinha 'prazer' em entrar naquela sala de aula.

'...equilibrar minhas emoções...estava me deixando levar pelos alunos...queria elogiar...incentivar...comecei a administrar e equilibrar emoções ... percebessem meu descontentamento ...outros professores são legais...é um sacrifício...começaram a sentir a pressão...confiança em si mesmo...eu não gosto dessa escola...eram capazes de produzir algo...ter iniciativa...'

(Professor G)

' ...eu falava sozinha...' 'graças a Deus o ano letivo acabou

(Professor I)

'...se não passasse pelo coração...' (Professor P)

'... sentiam bem, contando para mim seus problemas...'

(Professor B)

' ...superaram suas dificuldades...' (Professor A)

‘...angustiava muitos professores...os alunos não entendiam essa preocupação do professor...quase um desabafo deles...muito preocupado mesmo, e se via pelo rosto dele, pelo semblante.’ (Vice Diretora)

Sobre as emoções, Fiamenghi (2001) explica,

...o processo emocional terá sinal positivo quando procurar aumentar a influencia dos estímulos que o iniciaram; este estado é chamado “prazer”. O processo emocional terá sinal negativo se procurar romper ou diminuir a influencia dos estímulos que o iniciaram; este estado é denominado “desprazer”. (p.23)

O professor G inicialmente estava querendo incentivar seus alunos, mas ele começou a ‘perder o controle’ das próprias emoções.

Nas palavras do professor I, podemos notar o medo em lecionar naquela sala e o alívio quando o ano e terminou.

Com os professores B e A e a própria Vice Diretora, houve uma interação positiva nas emoções de ambos, pois havia um diálogo melhor entre eles. O professor P também coloca que se não lidarmos com o lado afetivo dos alunos, principalmente aqueles com tantos problemas, não poderiam ser atingidos. Assim os professores acabaram interagindo um pouco mais com esses alunos e tiveram até recompensas, conforme explica Araújo (2000).

Freire (2007) salienta que devemos ser seres com esperança, pois assim realizaremos nosso trabalho positivamente.

7. ÉTICA PROFISSIONAL

Muitos professores relataram o profissionalismo em sala de aula, como era a ética deles em relação às aulas e aos alunos.

‘... conseguia administrar...conceitos importantes para minha vida profissional... não deixar... mi influenciar... procurava mostrar firmeza... minha função... preparar uma boa aula.’
(Professor G)

‘...professor é trabalhar com o imponderável...este é o trabalho diário de um professor.’ (Professor P)

‘...esquecer os limites éticos.’ (Professor M)

‘...nunca foi uma barreira para eu trabalhar meus conteúdos para exigir responsabilidade...pois a senhora da aula, coloca em ordem, e sabe conversar quando nós precisamos.’
(Professor B)

‘...mas nada fora do meu controle ...’ (Professor H)

Não podemos deixar de lado que os professores devem ajudar na construção de uma sociedade melhor, juntamente com seus alunos. Além disso, não devem deixar sua formação de lado, como explica Nóvoa (1999).

Perrenoud (2002) também explica o profissionalismo do professor, mas não autoritário e sim reflexivo, e o mesmo reiteram Zeichner e Liston (2003).

8. MUDANÇAS

As pessoas tendem a mudar de atitudes, comportamentos, gostos, etc. Neste item destacamos outra parte importante desta pesquisa, as mudanças ocorridas por parte de alguns professores na maneira de agir com a sala do primeiro ano.

‘...excluindo do meu vocabulários as palavras consideradas difíceis.....tive a idéia de fazer uma peça de teatro...fiz um semicírculo...conversei de minha idéia...naquele momento me senti muito bem...os alunos começaram a apresentar idéias...achei o caminho...todos os alunos estavam contando isso...com a atenção deles voltados para mim...eu conversava muito com eles...incentivava...um casamento perfeito...o comportamento mudou creio que cresceram um pouco mais...no final passou vamos dizer que da água para o vinho...algumas coisas mudou entre eles próprios e entre lês e o professore entre eles e a escola...eu aprendi muito...a me controlar...para se aproximar do aluno você tem primeiro que ser colega dele amigo...’ (Professor G)

‘...a turma diminuiu dando a oportunidade a pequenas mudanças...passei a fazer as atividades com eles.’ (Professor I)

'...muitos obstáculos tiveram que ser ultrapassados...procurava conversar com os colegas, e encontrar uma solução...a peça de teatro dói a forma diferenciada que o professor G encontrou...essa estratégia me beneficiou...abri meu coração, conquistei 'amizade' deles e depois falei da matéria...conhecê-los foi a melhor forma que encontrei de conseguir algum progresso no aprendizado...plantar algum sonho no coração dessa juventude.'

(Professor P)

'..decidi através de estudo dirigido, reforçar as bases dos alunos...a avaliação foi discutida com os alunos de maneira democrática...nível de interação mais estrito, menos formal..atrair meu aluno...a estratégia era bastante eficaz.'

(Professor M)

'...minhas aulas não eram tão tradicionalistas...era exigente mas sabia como lidar com eles...conseguia ter conversas com eles, sem deixar de exigir responsabilidades...sou um viés...meu relacionamento com as salas não são ruins...respeitando um ao outro.' (Professor B)

'...nas minhas aulas eles participavam bastante...ajudei a desenvolver o figurino os desenhos...todos interagiram com

vontade...a vontade d interpretar e mostrar que são capazes...para cada um a cada momento foi interagindo e superando...' (Professor A)

'...os alunos começaram a ensaiar a peça...foi um sucesso e houve nitidamente nas outras aulas uma mudança de comportamento...os alunos passaram a gostar mais da escola e respeitar os segmentos que nela atuam.' (Coordenador Pedagógico)

'...num ato de desespero resolvi conversar com eles e saber deles e tirar deles quilo que eles esperavam da escola....nesse dia fiz um círculo e pedi que cada um deles falasse um pouco...ao poucos eles foram se colocando...fui conversar com os professores e passar para os professores aquilo que a gente tinha conversado...quanto a questão social, do relacionamento ouve assim um progresso, incalculável...foi uma experiência muito gratificante. (Vice Diretora)

As mudanças devem sempre acontecer, não para piorar as situações existentes na sala de aula, mas para podermos ter um relacionamento melhor entre pessoas tão diferentes. Burrato et al (1998) descrevem que a vida pessoal dos alunos e a maneira como a escola age não andam numa mesma direção. Muitos alunos têm acesso a certas informações de forma mais rápida e a escola ainda está a 'passo de tartaruga'.

O professor G, o qual apresentava ter mais problemas com aqueles alunos, resolveu mudar sua maneira de agir, como sua linguagem usada em sala de aula, por exemplo; começou a conversar mais com seus alunos, e propôs a montagem de uma peça de teatro.

O professor I começou a fazer as tarefas juntamente com seus alunos, mesmo sendo poucos na época.

O professor P colocou que teve que atravessar muitos obstáculos, para poder atingir seus alunos e uma das maneiras encontradas foi a conversa.

Os professores M, B, e a Vice-Diretora também usaram o diálogo com a sala como maneira mais diferenciada para agir com eles, além de tentar entender seus conflitos e suas necessidades.

Nos relatos de alguns professores, a atitude do professor G foi vista como um passo importante para que a sala mudasse de comportamento e de opinião sobre a escola e sobre os professores.

Silva e Neves (2006) escrevem que os alunos têm muito a dizer, e se o relacionamento for restaurado e não houver falta de motivação, não ocorrerá falência escolar, pois, como explica Perrenoud (2001), a falência só vai existir se todos nós deixarmos que ela aconteça.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos notar, mudanças são possíveis, tanto numa relação pessoal quanto na relação professor-aluno.

Nesta pesquisa pudemos observar como era o dia a dia de uma sala de aula numa escola pública, nas palavras dos professores, coordenador e vice-diretora. No início não era fácil tentar trabalhar com alunos, sem objetivos, que se mostravam violentos, indisciplinados e desmotivados.

Notamos também que, além de desmotivados, alguns professores tinham medo da sala e no final do período letivo sentiram alívio pelo término do ano.

Como bem sabemos não estamos sozinhos no mundo, precisamos de outras pessoas para que um relacionamento funcione..

Nossos alunos necessitam desse relacionamento também, pois na entrevista com a Vice-Diretora os alunos pedem mais compreensão de alguns professores. Freire (2007) expõe que o homem é um ser de relações e Schabbel (2002) também enfatiza a relação como principal elo entre as pessoas .

Mendrano e Valentim (2001) colocam que a educação neste país não é igual para todos, e quando o homem interage com o mundo ele consegue se transformar, aprender e assim se educar. Elas também ressaltam que não podemos ignorar a interferência política na escola.

A política interfere muito nas nossas escolas públicas, mudando planejamentos, cronogramas, métodos sem consultar realmente quem trabalha diretamente nessas escolas.

Há um esquecimento da realidade de nossos alunos das escolas estaduais ou municipais, em que eles enfrentam a miséria, a violência em vários âmbitos; a falta de uma família estruturada, a falta de uma escola reflexiva, a falta de professores reflexivos e talvez, a falta de amor próprio, pois vários alunos não têm expectativas de um futuro melhor.

As pessoas responsáveis pelos planejamentos e propostas curriculares parecem não conhecer a realidade de nossos jovens.

Como notado nas entrevistas, na sala de aula citada pelos professores, não se podia cumprir o conteúdo programático, pois a preocupação maior era controlar a indisciplina, a violência e restaurar a relação entre professor e aluno.

Devemos mudar nossa maneira de pensar, agir. Precisamos ouvir o que os outros têm a dizer, temos que deixar nossos alunos falarem, exporem seus medos, dificuldades e desejos.

Por fim, temos que trabalhar em conjunto e exigir nossos direitos como cidadãos, mas devemos ter deveres também, como não desistir da educação.

Portanto, o fracasso somente pode acontecer se nós mesmos deixarmos que ele aconteça (Perronoud, 2002).

VII. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas Escolas**. Brasília, Edições Unesco Brasil, 2003.
- ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. 4ª Edição, São Paulo, Cortez Editora, 2005.
- AQUINO, Julio Groppa. **Confrontos na Sala de Aula – Uma leitura institucional da relação professor-aluno**. 2ª Edição, São Paulo, Summus Editorial, 1996.
- AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola. Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo, Summus Editora, 1996.
- ARAÚJO, Ulisses F. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. **Educ. Pesqui.**, Dez 2000, vol.26, no.2, p.91-107. ISSN 1517-9702.
- ASSIS, Simone G. et al. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva**, 2003, vol.8, no.3, p.669-679. ISSN 1413-8123
- BALANCHO, Leonor Segurado Falé. Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. **Aná. Psicológica**, Jun 2004, vol.22, no.2, p.377-386. ISSN 0870-8231
- BERENSTEIN, Isidoro. Problemas familiares contemporâneos o situaciones familiares actuales: Invariancia y novedad. **Psicol. USP**, 2002, vol.13, no.2, p.15-25.

- BURATTO, Ana Luiza Oliva. **A direção do olhar do adolescente: focalizando a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educ. Pesqui.**, Jun 2001, vol.27, no.1, p.123-140. ISSN 1517-9702
- CAMARANO, Ana Amélia; LEITÃO, Juliana e Mello; PASINATO Maria Tereza e KANSO, Solange. Caminhos para a Vida Adulta: As Múltiplas Trajetórias dos Jovens Brasileiros. **Ultima décad.**, Dez 2004, vol.12, no.21, p.11-50. ISSN 0718-2236
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Rev. Bras. Educ.**, Abr 2004, nº25, p.94-104. ISSN 1413-2478.
- CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. Mudanças tecnológicas e suas implicações na política de formação do professor. **Ensaio: aval. políticas públicas Educ.**, dez 2005, vol.13, no.49, p.469-486. ISSN 0104-4036.
- CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Dez 2002, no.8, p.432-443. ISSN 1517-4522.
- CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber - Elementos para uma teoria**. Porto Alegre, ARTMED Editora,2000.
- CHECHIA, Valéria Aparecida e ANDRADE, Antônio dos Santos. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com

sucesso e insucesso escolar. **Estudos de Psicologia** (Natal), Dez 2005, vol.10, no.3, p.431-440. ISSN 1413-294X.

- COATES, Verónica. Transformaciones en la familia durante la adolescencia de los hijos. **Adolesc. Latinoam.**, abr./jun. 1997, vol.1, no.1, p.40-46. ISSN 1414-7130.
- COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. 2ª Edição, Rio Grande do Sul, Artmed Editora, 2002.
- DEL PRETTE, Zilda A. Pereira et al. Habilidades sociais do professor em sala de aula: um estudo de caso. **Psicol. Reflex. Crit.**, 1998, vol.11, no.3, p.591-603. ISSN 0102-7972.
- DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. 8ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1999.
- DIAS-DA-SILVA, Maria Helena Galvão Frem. O professor e seu desenvolvimento profissional: Superando a concepção do algoz incompetente. **Cad. CEDES**, Abr 1998, vol.19, no.44, p.33-45. ISSN 0101-3262.
- ESTRELA, Maria Teresa. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na sala de aula**. 4ª Edição, Porto – Portugal, Porto Editora, 2002.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. São Paulo, **Perspec.**, Jun 2000, vol.14, no.2, p.44-50. ISSN 0102-8839.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Mirim**. Curitiba, Paraná, 2005.

- FIAMENGHI, Geraldo Antônio Jr. **Motivos & Emoções**. São Paulo, Editora Mackenzie, 2001.
- FIAMENGHI, Geraldo Antônio Jr. & MESSA, Alcione A. Pais, Filhos e Deficiência: Estudo sobre Relações Familiares. São Paulo, **Psicologia ciência e Profissão**, 2007.
- FIAMENGHI, Geraldo Antônio Jr. e XIMENEZ FILHO, João. Reflexões sobre a indisciplina e a agressividade na escola atual. In: VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho. **A pesquisa como princípio pedagógico: discutindo a (in)disciplina na escola contemporânea**. São Paulo, Editora Mackenzie, 2001
- FRANCHI, Eglê Pontes. **A Causa dos Professores**. São Paulo, Papyrus Editora, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 30ª Edição, São Paulo, Editora Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 35ª Edição, São Paulo, Editora Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18ª Edição, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1970.
- GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. São Paulo, **Perspec.**, Jun 2000, vol.14, no.2, p.03-11. ISSN 0102-8839.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Mar 2006, vol.14, no.50, p.27-38. ISSN 0104-4036
- Hübner, Maria Martha Costa e TOMAZINHO, Regina Célia Zanotti. In: VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho. **Correspondência entre o**

- dizer e o fazer do professor e seus efeitos no comportamento do aluno: um estudo de caso.** São Paulo, Editora Mackenzie, 2001.
- ITANI, Alice. A violência no imaginário dos agentes educativos. **Cad. CEDES**, Dez 1998, vol.19, no. 47, p.36-50. ISSN 0101-3262
 - KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação Professor-Aluno.** Maceió, EDUFAL, 2002.
 - LA TAILLE, Yves. **A indisciplina e o sentido de vergonha.** In AQUINO, Julio Groppa. São Paulo, Summus Editora, 1996.
 - LIBERAL, Edson Ferreira; AIRES Roberto Tschoepke; AIRES Mariana Tschoepke e OSÓRIO, Ana Carla de Albuquerque. Escola segura. **J. Pediatr.** (Rio J.), Nov 2005, vol.81, no.5, p.s155-s163. ISSN 0021-7557
 - LISTON, D.P. e ZEICHNER, K.M. **Formación del profesorado y condiciones sociales de la escolarización.** 3ª edição, Madrid, Espanha, Editora Morata, 2003.
 - MARCELLI, Daniel e BRACONNIER, Alain. **Adolescência e Psicopatologia.** 6ª Edição, Porto Alegre, RS, Artmed Editora, 2007.
 - MARRIEL, Lucimar Câmara; ASSIS, Simone G.; AVANCI, Joviana Q.; OLIVEIRA, Raquel V.C.: Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cad. Pesqui.**, Abr 2006, vol.36, no.127, p.35-50. ISSN 0100-1574.
 - MEDRANO, Eliziara Maria Oliveira e VALENTIM, Lucy Soares. A Indústria Cultural Invade a Escola Brasileira. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 54, agosto/2000.

- MELLO, Guiomar Namó de. Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical. **São Paulo Perspec.**, Mar 2000, vol.14, no.1, p.98-110. ISSN 0102-8839.
- MELO, Elza Machado de; MELO, Maria Aparecida Machado de; PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira; LEMOS, Stela Maris Aguiar; CHAVES, Adriana Braga; PINTO, Lauriza Maria Nunes. A violência rompendo interações: as interações superando a violência. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Mar 2007, vol.7, no.1, p.89-98. ISSN 1519-3829
- MORA, Leonor, OTÁLORA, Cristina e RECAGNO-PUENTE, Ileana. El Hombre y la Mujer Frente al Hijo: Diferentes Voces Sobre su Significado. **Psykhé**, Nov 2005, vol.14, no.2, p.119-132. ISSN 0718-2228
- MORAIS, Regis. **Violência e Educação**. São Paulo. Papyrus Editora, 1995.
- MORALES, Pedro. **A Relação Professor-aluno**. 2ª Edição São Paulo, Edições Loyola, 2000.
- NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educ. Pesqui.**, Jun 1999, vol.25, no.1, p.11-20.
- OLIVEIRA, Érika Cecília Soares and MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. **Psicol. Soc.**, Abr 2007, vol.19, no.1, p.90-98. ISSN 0102-7182.

- PEREIRA, Edlúcia Passos Carvalho e ELY, Vanessa Delving. O supervisor na escola reflexiva: Gestão-formação-ação. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina n. 13 58 – 65, jul./dez. 2005.
- PERRENOUD, Philippe. **A Pedagogia na Escola das Diferenças – Fragmentos de uma sociologia do fracasso**. 2ª Edição, Rio Grande do Sul, Artmed Editora, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. **A Prática Reflexiva no Ofício do Professor: Profissionalização e Razão Pedagógica**. Rio Grande do Sul, Artmed Editora, 2002.
- PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Rio Grande do Sul, Artmed Editora, 1999.
- PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia das diferenças – das Intenções à Ação**. Rio Grande do Sul, Artmed Editora, 2000.
- PRATTA, Elisângela Maria Machado and SANTOS, Manoel Antonio dos Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. estud.**, Ago 2007, vol.12, no.2, p.247-256. ISSN 1413-7372
- RAPOSO, Mírian and MACIEL, Diva Albuquerque. As interações professor-professor na co-construção dos projetos pedagógicos na escola. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Dez 2005, vol.21, no.3, p.309-317. ISSN 0102-3772
- RIVERA, Maritza and MILICIC, Neva Alianza Familia-Escuela: Percepciones, Creencias, Expectativas y Aspiraciones de Padres y Profesores de Enseñanza General Básica **Psyke**, Mayo 2006, vol.15, no.1, p.119-135. ISSN 0718-2228

- RUSCHEL, Ângela Ester and CASTRO, Odair Perugini de O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. **Psicol. Reflex. Crit.**, 1998, vol.11, no.3, p.523-539. ISSN 0102-7972
- SANTOS, José Vicente Tavares dos. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educ. Pesqui.**, Jun 2001, vol.27, no.1, p.105-122. ISSN 1517-9702
- SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicol. USP**, 2004, vol.15, no.3, p.11-28. ISSN 0103-6564
- SCHABBEL, Corinna. **Mediação Escolar de Pares – semeando a paz entre os jovens**. São Paulo, Antakarana Cultura Arte Ciências Ltda./WHH, 2002.
- SILVA, Maria Preciosa and NEVES, Isabel Pestana Compreender a (in)disciplina na sala de aula: uma análise das relações de controlo e de poder. **Rev. Port. de Educação**, 2006, vol.19, no.1, p.5-41. ISSN 0871-9187
- SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educ. Pesqui.**, Jun 2001, vol.27, no.1, p.87-103. ISSN 1517-9702
- TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturia. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 4ª edição, São Paulo, Editora Loyola, 2001.
- TUNES, Elizabeth, Tacca, Maria Carmen V. R. and Bartholo Júnior, Roberto dos Santos O professor e o ato de ensinar. **Cad. Pesqui.**, Dez 2005, vol.35, no.126, p.689-698. ISSN 0100-1574.

- VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho. **(In)disciplina, escola e Contemporaneidade**. São Paulo, Editora Mackenzie, 2001.
- VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho. **A pesquisa como princípio pedagógico: discutindo a (in)disciplina na escola contemporânea**. São Paulo, Editora Mackenzie, 2001.
- VILLALTA, Paucar, Marco Antonio, SAAVEDRA, Eugenio e MUÑOZ, María Teresa. "Pasado A Llevar": La Violencia En La Educación Media Municipalizada. **Estud. pedagóg.**, 2007, vol.33, no.1, p.45-62. ISSN 0718-0705.
- WAGNER, Adriana; RIBEIRO, Luciane de S.; ARTECHE, Adriane X.; BORNHOLDT, Ellen A. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicol. Reflex. Crit.**, 1999, vol.12, no.1, p.147-156. ISSN 0102-7972.
- ZEICHNER, K.M. and LISTON, D.P. **Reflective Teaching and the Social Conditions of Schooling. A series for Prospective and Practicing Teachers**. New Jersey, USA, Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1996.

VIII. ANEXOS

ANEXO I

CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

O presente trabalho se propõe a estudar, sob a óptica do professor, como as mudanças na metodologia de ensino dos professores com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e de comportamento podem modificar positivamente a relação desses professores com seus alunos. Serão realizadas entrevistas que eles contem sua experiência em relação às mudanças quanto à metodologia de ensino, empregada numa classe de 1º. ano do ensino médio e como eles percebem as modificações na interação com seus alunos. A pesquisa não traz risco aos participantes e estes poderão retirar-se a qualquer momento da pesquisa. O sigilo quanto à identidade dos participantes será mantido e os resultados serão utilizados apenas para fins de pesquisa científica.

Os dados serão utilizados na dissertação de Mestrado de Carolina Paz Muñoz Najle, aluna do Programa de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Carolina P. Muñoz Najle

Prof. Dr. Geraldo Antônio Fiamenghi Jr.
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Tel.: 11- 21178247

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) _____, sujeito de pesquisa, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Assinatura do sujeito ou seu responsável legal

ANEXO II

CARTA DE INFORMAÇÃO À INSTITUIÇÃO

O presente trabalho se propõe a estudar, sob a óptica do professor, como as mudanças na metodologia de ensino dos professores com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e de comportamento podem modificar positivamente a relação desses professores com seus alunos. Serão realizadas entrevistas que eles contem sua experiência em relação às mudanças quanto à metodologia de ensino, empregada numa classe de 1º. ano do ensino médio e como eles percebem as modificações na interação com seus alunos. A pesquisa não traz risco aos participantes e estes poderão retirar-se a qualquer momento da pesquisa. O sigilo quanto à identidade dos participantes será mantido e os resultados serão utilizados apenas para fins de pesquisa científica.

Os dados serão utilizados na dissertação de Mestrado de Carolina Paz Muñoz Najle, aluna do Programa de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Carolina P. Muñoz Najle

Prof. Dr. Geraldo Antônio Fiamenghi Jr.
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Tel.: 11- 21178247

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) _____, responsável pela instituição em que será realizada a pesquisa, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO À INSTITUIÇÃO, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Assinatura do sujeito ou seu responsável legal

ANEXO III

ENTREVISTAS

ANEXO II – ENTREVISTAS

1. PROFESSOR DE GEOGRAFIA (G)

Bom primeiramente eu gostaria de estar agradecendo a oportunidade de estar falando sobre uma experiência que tive em dois mil e seis, com a sala de ensino médio o 1º D.

Meu nome é G. Sou formado na Faculdade de história São Marcos, pedagogia e geografia pela FAE, e tenho outros cursos de informática, inglês avançado, fiz Folks pela fundação Richard W Fisk, ministro aulas de geografia e historia no Estado desde 1996. Hoje sou titular do Estado, ministro aulas de geografia na escola X, famosa X, aqui no bairro e em 2006 ministrei aulas de geografia na Escola Y pro período noturno.

Foi um ano cheio de expectativas, planejamento de aulas, reuniões pedagógicas, imaginando alunos interessados, ultra, hiper, super, mega, extra dupla disciplinados, etc. né? O que a maioria dos professores querem, porem a realidade, a realidade se mostrou muito diferente da esperada, principalmente a de uma determinada sala o 1º D. **No primeiro instante tentei conhecer os alunos**, saber quem eram de onde vinham e pude perceber que eram alunos de classe social baixa, muitos com famílias destruturadas, ham..., lembro que alguns, ham..., foram criados apenas pelas mães, as quais saiam para trabalhar cedo, voltavam somente à noite, 90% desses alunos vinham de outras escolas, outras unidades, os outros 10%

eram repetentes do Y(escola) mesmo, estavam na faixa etária dos 15 aos 17 anos, ou seja, uma idade por si só problemática não é? Cheio de há.....

Eu lembro que bem que eles brigavam por qualquer coisa, sem coisas sem importância, muitos trabalhavam, alguns não, já haviam também alunas mães com filhos, aos cuidados dos pais ou avos, em hum, na minha visão apenas eram pobres que, que estavam gerando mais pobreza.

Muito bem, nas primeiras semanas consegui controlar a sala os alunos ainda não tinham conhecimento direito dos professores, das regras da escola, da terceira semana em diante tornou-se assim incontroláveis, principalmente comigo. A indisciplina era total e pior agora havia além da indisciplina a falta de respeito para comigo e s professores e ouvia assim, relatos de professores que forma mandando,,,, tipo essa, sabe como que né? Os alunos colocados pra fora da sala já eram assim uma rotina toda a noite tinha um para fora e não conseguia administrar e equilibrar minhas emoções já estava me deixando levar pelos alunos, ham..

Quando o controle, não havia mais aquele dialogo, né? Não pelo menos o dialogo que eu queria eu, eu, queria elogiar os alunos, incentivar os alunos, né,? Mas não conseguia! O que acontecia no 1ºD não ocorria em outras salas, haviam outros primeiros anos, haviam segundos anos, terceiros nas quais eu dava aula também, o esquema de aula era o mesmo só o 1ºD ocorria aquilo.

Muito bem a, a direção da escola sempre me apoiou bastante, sempre tive o apoio do (CP) coordenador- (VC) também coordenadora. Lembro que a (A) conversava com esses alunos , com os alunos, faziam reuniões, eles colocavam os alunos na sala faziam tipo meio círculo, não

é?, conversavam, trocavam experiências, (VC) dava conselhos mas e não surtia muito efeito não, após vista a continua reclamação dos outros professores em relação aquela sala inclusive as minhas, não é?

Sempre tive comigo alguns conceitos importantes para minha vida profissional as quais nunca desprezei e aprenda a ouvir o professor mas experiente adita quando esta errado e seja persistenteBaseados nesses conceitos primeiro comecei a administrar e equilibrar minhas emoções, não deixava que o aluno percebesse meu descontentamento em meio à bagunça pro que você sabe como é o aluno ele se alegra ao ver o professor nervoso, adora ver o problema nervosos adora ver o professor perder a linha, aposta quando o professor grita adora às vezes ele até premedita perturbar a aula ele já vai para a aula pensando – vou atrapalhar aquele professor. Passei a não deixar em hipótese nenhuma mi influenciar pelo que o aluno dizia tipo assim, pó todos os outros professores são legais, ninguém faz assim como o senhor faiz, que, que, é isso, eu trabalho, não tenho tempo para fazer trabalho manuscrito não, quero fazer trabalho em grupo e assim por diante né?

Quando pedia trabalho de pesquisa manuscrito então, hum..., a casa caia, eles diziam assim, prô hoje vivemos na era da tecnologia queremos fazer trabalho digitado no computador só o senhor e retrógado todos os outros professores não fazem mais assim e etc. etc. e tal não é mas hem... procurava mostrar firmeza procurava deixar claro qual era a minha função. Qualquer atividade pra ora seja em sala ou atividade pra casa eu procurava ser transparente sempre transparente com o aluno e passava por escrito as regras de cada atividade de geografia assim como deve ser feito escrevia na lousa e pedia para eles copiarem, se manuscrito ou digitado, com caneta ou a lápis,

normalmente eu sempre peço a caneta azul ou preta entregar dia tal, o tipo de papel que você poder usa depende da atividade você vai usar um tipo de papel de sulfite, se universitário eu não procurava na aceitar aquelas folhas de caderno pequeno ai comecei a ser mais persistente no que eu queria e paralelo a isso mantinha um bom dialogo com a direção da escola e, e informava os passos com os alunos desta sala em questão conversa com a direção quase todos os dias sobre o que acontece na sala, eu consegui falar com alguns pais, né?

Onde eu consegui expor as dificuldades, procurava preparar uma boa aula, é modifique que nem linguagem excluindo do meu vocabulário as palavras consideradas por eles difíceis e , tudo isso depois de três meses de persistência comecei a ver progresso na parte da disciplina mas percebi é claramente que o caminho era longo e as férias estavam distantes, há, mais as notas que neste momento não havia meu foco eram em 99% diga se de passagem vermelhas, ou seja, um caos não, caos total, uma hemorragia total porque , primeiro momento que quis controlar a disciplina com eles começou a melhorar já conseguia comemorar com eles e mostrar que eu e os outros professores não éramos inimigos tive a idéia de fazer uma peça de teatro com eles algo meio tímido uma apresentação grande, fiz um semicírculo na sala escolhi em dia que haviam poucos alunos conversei de minha idéia procurei sentir se havia aceitação naquele momento senti muito bem pois alguns alunos começaram a apresentar idéias a falar de figurino, e um aluno aproximou-se de mim, começou a contar sua experiências em teatro, falar de sua vida eu senti naquele momento firmemente que estava no caminho certo o

teatro era a a chave! Achei o caminho! Agora tinha certeza, vou andar com eles, isso foi numa sexta feira a primeira aula eu lembro como se fosse ontem.

Logicamente a gente não deve considerar que o teatro seja o caminho para todos naquele momento na minha realidade há o caminho certo apenas metade da sala estava presente quer dizer que escolhi este dia por medo de bagunça, poucos alunos, minha idéias se propagaram, melhor e eu pensei na aula seguinte foi numa terça feira ou na segunda? Não lembro direito, todos os alunos estavam contando sobre isso e assim com a atenção deles voltados pra mim eu consegui explicar melhor, a classe toda prestou atenção foi uma maravilha, eu, eu sei que teatro é uma responsabilidade muito grande eu decidir então extrapolar, antes pensei em fazer uma tímida apresentação na própria sala de aula, mas naqueles momentos com tanta aceitação, bom eu comecei a pensar a querer apresentar pra toda a escola não restrito mais a eles apenas, mas já pra todos do e mais neste primeiro momento eles não sabiam disso foi uma medida não né? Não vou né! Jogar tudo de uma vez eu vou aos poucos.

Plantei semente, eles estavam pra entrar em férias, deixei que eles entrassem em férias, cuminava-se a idéia de teatro e nesse inter, preparei o terreno para o terceiro bimestre.

Quando voltamos já tinha as falas de cada um deles, toda a sala iria participar, havia papel e uma fala pra todo mundo. Perguntavam se ia valer nota, como todo o aluno pergunta isso e eu respondi que sim, é claro que vai valer nota bimestral. Quando começou os ensaios passei a informação que iríamos nos apresentar a toda escola foi um susto total, mas como mais da metade aceitou a idéia os outros foram no caminho aceitaram também e nesse

momento foi o momento de incentivá-los falar, falar a eles que eles tinham capacidade de que eles iriam conseguir e aqueles alunos que haviam aceitado primeiro a idéia também, eles forma muito a favor e começaram a incentivar também e mais e estamos falando do 1º D não é nos ensaios a bagunça imperava não conseguia decorar as falas se dispersavam brincavam o tempo todo quando vinham alunos de outras salas que eram amigos deles então nossa senhora! É uma sacrifício.

Na peças havia a parte de comunicação que eram responsáveis em elaborar a propaganda da peça e então eu havia escolhido dois alunos pra bolar como deveriam passar isso pra outras salas. Qual a melhor forma? Como vamos apresentar o teatro? Porque apresentar um teatro não é fácil e eu queria grande repercussão para eles também, então eles tinham que fazer cartazes né?, Bolar as propagadas das sugestivas sobre peças não e na peça haviam assim, ham... alunos pra cada .Compartimentei a peça então havia a pessoas que só viu a abrir às cortinas a dedicação dela era abrir as cortinas, outro era olhar o aluno ele estava ensaiando certo se ele não estava falando muito baixo se ele não estava de costas né? E para a platéia então ele era o responsável em detectar pequenos erros e corrigir esses e haviam aqueles alunos que prestavam atenção a fala e seguiram alterações nas falas quer dizer tinha alunos também que cuidavam do material então depois do ensaio tinha que juntar tudo que era hum..., da peça, todo o material da peça os cenários e tudo mais, mas alguns alunos continuavam brincando não levavam a serio não estavam percebendo a verdade da coisa ao invés de me desgastar e desistir, né? E resolvi incluir com esses alunos outros alunos de outras séries alunos mais velhos e que não tomasse conta da peça porque a peça

era do 1ºD, porém alguns pontos-chaves da peça poderiam ser preenchidos por outras pessoas como foi feita a parte com música. Eu dediquei apenas à parte da música para pessoas de outras séries e essas pessoas foram pessoas que eu escolhi a dedo procurei aluno ultra comportado respeitador responsável e principalmente comprometido Com esses alunos né?

Bastante comprometidos entrando consegui maior disciplina foi como uma contra-peso e se não me falha a memória eles não tinham livros, passei a entregar textos por mim né? Sobre a matéria para que não ficassem defasados em relação aos outros primeiros anos e, e, numa aula eu apresentava os textos explicava a matéria, lia com eles e dava as atividades pra nota. Na outra ensaiávamos a peça.

Logicamente outros professores também colaboravam e foi fundamental essa colaboração e agradeço muito a eles.

Essa peça uniu os alunos, passaram a gostar mais da escola. Abriu-se um canal de diálogo. Há umas das exigências para que os alunos continuassem na peça era não faltar, o aluno não podia faltar, porque se ele faltasse outro iria falar a favor dele então ele corria o risco de perder a fala então eles procuravam não faltar de vez em quando tinham um que faltava não é a gente conseguia levar.

Quando eu marquei a data pra apresentação para que a ficha caísse, começaram a sentir a pressão, começaram a perceber que se seu trabalho não fosse bom os seus pais iriam criticar-los, seriam alunos de titubeiam e nem existia, seriam alunos de chicota e piadinhas, mas eu conversava muito com eles, elogiava-os né? E incentivava, hem,...

Dizia eles que trabalhassem, treinassem, o mundo era de quem trabalha, o mundo é de quem trabalha e trabalha duro. Assim foram adquirindo confiança em si mesmos que era o importante naquele momento, a confiança. Os alunos mais velhos de outra series como não eram assim tão exigido né? Também pensavam a confiança na pratica que eu precisava que os alunos do 1ºD tivessem.

Foi um casamento perfeito . bom todos os recursos pra a peça acontecer como cortinas vestuário é como hum inserções né? De novos textos hum ...novas falas tudo os alunos participavam. Na apresentação senti que todos gostaram, mas a principal vitória foi do 1ºD, cujo comportamento mudou. Tão longo os alunos subiram para sala, né? Eu... ficou apenas eu e o 1º D e teve nos conversamos começamos a lembrar 1 dia de aulas o comportamento que eles tinham., a forma que eles agiam né comigo e com outros professores começamos a refletir coisas não e que aconteceram conosco naquele ano e o comportamento mudou creio que cresceram um pouco mais.

Eu senti firmemente na sala em minhas aulas nada mais foi como antigamente e como no inicio das aulas passaram a me respeitar eu em contra partida consegui dar mais aulas, mais produtivas aprendi muitas coisas muitas coisas que, que ainda vou aprender.

Sei que meu relacionamento com o 1ºD no início não foi bem, mas no final passou vamos dizer que da água para o vinho Eu consegui explicar a matéria embora eles continuassem conversando bastante na minha sala e outras salas, mas algumas coisas mudou entre eles próprios e entre eles e o professor e entre eles e a escola, porque antes alguns alunos diziam eu não gosto dessa escola , eu venho porque sou obrigado e por mais que você dizer

não ter que vir você tem que ser alguém na vida, mas isso para o aluno não quer dizer nada, ele não quer saber para que ele que aprender aquela matemática pra que serve fatoração pra que serve isso aquilo não que saber geografia o que é vulcanismo o assunto pra ele irrelevante muitas vezes o aluno esta e na sala por causa de um colega ou porque o pai obriga a mãe obriga mas com aqueles alunos vou dizer assim em 90% deles alguma coisa dentro deles mudou e eles já faziam planos pra o anos seguinte, estar na escola fazer alguma coisa e eles perceberam que eles eram capazes de produzir algo bom. Essa foi a mola mestre a iniciativa porque pra fazer a peça você decorar os textos você ensinar em palco você tem que ter iniciativa e muitos adquiriram essa iniciativa na hora que eu joguei a responsabilidade pra eles eu disse olha vocês tem, vocês vão conseguir fazer um bom trabalho tenho certeza absoluta e depende de vocês. O trabalho final naquele dia só depende de vocês agora a bola esta na sua mão vamos ver o que você vai fazer com ele e eles produziram eles foram atrás e, e eles conseguiram.

Então eu aprendi muitas coisas com o 1º D também. Aprendi a me controlar, prendi não que eu não me controlava antes, mas aquilo era uma nova faceta de como me portar não é como conseguir levar uma classe uma classe considerada bastante indisciplinada e outras salas vão aparecer e outras formas vão ser usadas cada, não existe um formula já escrita se você fazer assim você esta em você ser humilde, procurar chegar no mundo do aluno tentar compreender o aluno, procurar a ser amigo dele. Hoje em função das famílias estarem distante não é o pai trabalha a mãe trabalha vê o filho no final de semana e ele fica com os colegas e eles tem parâmetros errados não é, seja da TV ou seja na rua, então você pra conseguir se aproximar do aluno

you have first to be his classmate a friend and then you go showing respect and wanting respect too and showing in the moment that he is wrong and how he is wrong and why he is wrong and how the punishment will be you have to be firm do not let yourself be led by the student do not let yourself be led by what he says of you, you go forward and logically as for the duration as for the help of the direction and help of some parents and of work colleagues you are looking for new experiences, needing to talk with more experienced teachers more older ones to do this with more experienced teachers to have an idea of what, an idea of what I get an experience from other people and I go there learning a lot and adapting to my reality.

2. PROFESSOR DE INGLÊS (I)

Primeiro D no início uma sala super-lotada, com alunos com dificuldades diversas, distúrbios de comportamento, defasagem de aprendizagem enfim carências múltiplas. Sob o comando de alguns alunos negativos, tipo “barra pesada”, aquilo se transformou em um grupo agressivo que se protegia e se voltava contra o professor em todos os sentidos, distorcendo as palavras, mudando tudo ao favor deles, causava medo! Quanto a aprendizagem podia dizer-se que era um mero detalhe, não havia interesse, não havia pré-requisitos praticamente eu falava sozinha. Com o passar do tempo alguns desistiram outros foram convidados “a saírem” da escola e outros literalmente presos por delitos graves! A turma então diminuiu, dando a oportunidades a pequenas mudanças. Pequenos grupos de cinco ou seis pelo menos copiavam as atividades, passei então a fazer as atividades os exercícios com eles, dando oportunidades a alguns deles na sala, e assim graças a Deus o ano letivo acabou.

3. PROFESSOR DE PORTUGUÊS (P)

Falar sobre o 1ºD, hum, bem, é relembrar todos os dias em que trabalhamos no ano de '2006', pois era um desafio e uma incógnita todas as aulas. Ser professor é trabalhar com o imponderável, pois (pausa) nunca sabemos o que vai acontecer, a aula não se resume ao conteúdo, ele é o objetivo, porém até alcançá-lo muitos obstáculos tiveram que ser ultrapassados, nessa turma em especial.

Todos os professores, praticamente, tiveram problemas disciplinares com aquela sala, e comigo não foi diferente, eu, eu, procurava conversar com os colegas, e encontrar uma solução para poder alcançar algum objetivo.

A peça de teatro foi à forma diferenciada que o professor de geografia encontrou para trabalhar com esse alunos, que não tinham o menor interesse em aprender, o quer que fosse. Essa estratégia me beneficiou, pois pude atribuir um conceito a mais para a turma.

A estratégia que escolhi, nas aulas de língua portuguesa e literatura foi diferente, eu percebi que não se chega ao aluno, problemático, desinteressado e indisciplinado, como era o caso, se não passar pelo coração. Foi essa a estratégia que utilizei com aquela turma, abri meu coração, conquistei a "amizade" deles e depois falei da matéria. As aulas tinham que ser curtas, hum... começar e terminar um assunto em uma única aula, mantê-los ocupados para que não ocorresse nenhum incidente, e antes de iniciar qualquer assunto, deixá-los falar deles e de suas vidas, conhecê-los foi à

melhor forma que encontrei de conseguir algum progresso no aprendizado daquela turma.

Este é o trabalho diário de um professor, muito mais do que conhecer sobre o conteúdo de sua disciplina é conhecer a alma desses adolescentes, cheios de sonhos e frustrações, mais frustrações do que sonhos, lidar diariamente com o inesperado e ainda conseguir chegar ao final de cada ano com a sensação, mesmo que pequena, de dever cumprido e, se possível, plantar algum sonho no coração dessa juventude. Bem creio que é isso.

4. PROFESSOR DE MATEMÁTICA (M)

Eu, como professor, entendi que para a primeira série D do ensino médio seria importante uma adequação do conteúdo a ser dado, pois muitos alunos não possuíam o mínimo de conhecimento básico para cursarem a série. Decidi, através de estudo dirigido, reforçar as bases dos alunos, bem de alguns, com conteúdos de séries anteriores para que num momento posterior pudesse trabalhar os conteúdos da série. O processo de avaliação adotado foi discutido com os alunos de maneira democrática, **contemplava todos os aspectos observáveis dentro e fora da sala de aula como a postura do aluno na relação professor aluno**, a realização das atividades propostas, tais como, prova bimestral, pesquisas, o compromisso e respeito aos prazos de entrega dos trabalhos extraclases.

Procurei manter um nível de interação mais estreito, menos formal, com os alunos, pois assim podia atrair o meu aluno para que, a sua participação fosse mais descontraída e efetiva durante as aulas. Notei, no decorrer do processo, que essa estratégia era bastante eficaz desde que ficasse muito claro para os alunos que um relacionamento menos rígido não significaria **esquecer os limites éticos**, profissionais e **que sem comprometimento a relação ensino-aprendizagem, dificilmente ocorreria de forma satisfatória**.

O ano letivo de 2006 foi satisfatório enquanto processo ensino-aprendizagem, a relação professor aluno contemplou as minhas expectativas. Tive a sensação de papel cumprido.

Tive, dentre outros professores, o prazer de apreciar os trabalhos, a dedicação e estratégias utilizadas pelo professor de geografia em relação à primeira série D. O professor de geografia se doou enormemente a esses alunos, trabalhando a auto-estima desses meninos e meninas através de peça teatral envolvendo não só os alunos do 1º D, mas de outras séries também.

5-PROFESSOR BIOLOGIA (B)

O 1ºD no início das aulas **era uma sala muito cheia**, com alunos que vieram de outras escolas, alunos repetentes e alunos que vieram da 8ª série da mesma escola do período da manhã, hem, bem, **minhas aulas não eram tão tradicionalistas**, ou seja, eu conseguia **ter um relacionamento um pouco melhor do que os demais professores**, mas mesmo assim em certos dias alguns alunos **conseguiram me tirar do sério**.

Muitos dos meus alunos **tinham 'liberdade' de conversar assuntos pessoais**, pois se **sentiam bem, contando para mim seus problemas**, suas dificuldades, mas **isso nunca foi uma barreira para eu trabalhar meus conteúdos, para exigir responsabilidades nos trabalhos**., bom enfim, eu era exigente mas sabia como lidar com eles, claro que nem todos.

Um certo dia eu ia para essa sala quando topei com a vice diretora fazendo **um círculo com a sala** e eles se **colocando em relação aos seus professores**, principalmente **aqueles que eram intransigíveis com eles**., Mas no meu caso eles, acabaram, **como dizer, acabaram me poupando, ou seja, eu era considerada a boa professora**, pois conseguia ter conversar com eles, sem deixar de exigir responsabilidades quanto à matéria. A vice acabou falando para eles que iria falar com os professores que a sala achava que eram 'maus'. **E acabou com isso fazendo com que alguns mudassem suas atitudes**. Logicamente que os problemas continuaram, alguns alunos saíram, alguns foram presos, e ou demais ficaram, a sala já não estava tão, **tão cheia**, **mas mesmo assim a relação de alguns com certos professores não era nada amigável**.

Sendo assim o professor de geografia resolveu modificar sua estratégia, e resolveu trabalhar com eles numa peça, o que, que foi mais divertido era que eles trabalhava na peça também e se vestiu a caráter, pois era uma peça que falava do sertão e da migração das pessoas para a cidade grande, Eu ouvia muitos alunos comentando para mim que no meço do ano ele odiavam aquele professor, mas que naquele instante ele estava mais 'legal' mais divertido, que ele estava mais 'chegado' a eles. A peça demonstrou uma união entre eles, mesmo sendo fraca, com alguns erros, com alguns desgastes, mas o final foi interessante pois os alunos puderam ver como era o professor na realidade e por vez o próprio professor percebeu que tinha que fazer algo diferente para poder atingir aqueles alunos, os quais tinham problemas terríveis, que o menos que eles queriam era aprender mas ir ate a escola para se distraírem e fugirem as sua realidade.

Como, bem, dou aulas para todas as séries, sou uma que acompanha esses alunos até hoje sei que eles mudaram não em assimilar conteúdos, pois no meu ver certos estragos não são concertados., mas eles ficaram mais calmos, menos agressivos, mais abertos a conversas e a um relacionamento mais agradável entre eles os funcionários da escola desde direção até a faxineira. Eu acabo sendo um viés, para falar deste tema, pois meu relacionamento com as salas de modo geral não são ruins e um aluno um dia me disse :- todos os professores poderiam ser igual à senhora, pois a senhora dá aula, coloca ordem, e sabe conversar quando nós precisamos. Mas é lógico que não sou a única, mas é acabo perguntando para eles o que eles esperam dos demais. E essa mudança do professor em relação à sala foi positiva,

como disse antes, não em conteúdo, mas sim em relacionamento, onde um acaba respeitando o outro.

5. PROFESSOR HISTORIA (H)

Eles eram copistas, a gente, o trabalho diferenciado não conseguia concluir os trabalhos em grupo, eles queriam, cópia, cópia e cópia.

A cobrança era que eles queriam que eu parasse com os trabalhos, com as atividades em grupo e colocasse a matéria na lousa.

O que era pesquisa para discussão, virava bagunça, não traziam nada. Eu não conseguia realizar muita coisa naquela sala, nada agradava eles.

A sala era muito indisciplinada, mas quando algo acontecia eu manda os alunos para a coordenação, a qual ajudava muito, dava muito apoio para se trabalhar, principalmente naquela sala.

Eram bem bagunceiros, mas nada fora do meu controle, não eram violentos comigo, alguns eu conseguia conversar, mas não eram os 'indisciplinados', não sofri nenhuma agressão nem verbal nem física, pois eu sempre chamava a coordenação quando a algo acontecia eu não deixava a coisa ir tão longe.

O trabalho do professor de geografia foi bom para os alunos em relação ao professor de geo, mas nada mudou nas minhas aulas. O que me recorde deles é isso, pois como damos muitas aulas em lugares diferentes e nem todo o ano estamos no mesmo lugar, e isso que me lembro.

6. PROFESSOR DE ARTES (A)

Bem, hum, os alunos do 1ºD surpreenderam todas as expectativas, sendo uma sala com todas as dificuldades, principalmente de falta de interesse pelas matérias. Hum, é, mas, mas quando foi para apresentar uma peça teatral 'todos superaram' suas dificuldades através das expressões corporais, né? Pelo menos nas minhas aulas eles participavam, principalmente pois ajudei a desenvolver o figurino os desenhos do cenário e etc., onde eles 'pegaram' gosto pela 'coisa'.

E, bem todos interagiram com vontade de se expressar, surpreendendo todas suas expectativas,

Nos ensaios cada aluno encenava sua participação com vontade de apresentar sua primeira peça teatral com vontade de desempenhar seu papel com força e vida...

Dessa maneira vivendo cada personagem de sua interpretação a cada momento de ensaio.

A vontade de interpretar e mostrar que são capazes, foi muito, muito, importante, para cada aluno vivendo um personagem muito importante para cada um a cada momento foi interagindo e superando a cada momento de personagem e assim, sua apresentação foi o sucesso que viveram naquele momento.

7. COORDENADOR PEDAGÓGICO (CP)

O 1ª D era uma série muito difícil por se tratar de alunos que estavam fora da faixa etária e série, além de ser do período noturno e trabalharem durante o dia todo.

Quando chegavam à noite na escola não agüentavam ficar dentro da sala de aula, com metodologias de aulas tradicionais, então surgiam problemas disciplinares graves, desde colocarem fogo na sala de aula (lixo), situações de constantes desrespeitos aos professores , funcionários e direção.

Um professor de geografia percebeu a tamanha dificuldade de concentração da sala e resolveu junto com alguns professores fazer um trabalho diferenciado, que realmente sensibilizasse a turma toda. A partir dessas dificuldades vistas na sala de aula, surgiu a idéia de montar uma peça teatral com o tema ligado ao nordeste, onde os alunos tiveram que pesquisar sobre a região e a partir daí começaram a ensaiar a peça durante as aulas de geografia. Foi um sucesso e houve nitidamente nas outras aulas uma mudança de comportamento e, conseqüentemente os alunos passaram a gostar mais da escola e respeitar mais os segmentos que nela atuam.

8. VICE-DIRETORA (VD)

O 1º D era uma sala com características bem difícil, com alunos desajustados, desagrupados, alunos que eram difíceis de serem trabalhados não correspondiam a nenhuma metodologia aplicada às demais salas, eles fugiam aos modelos normais, se assim pode se falar, era uma sala muito agressiva com características entre eles semelhantes e a violência era uma dela, então eles não obedeciam, eles não respeitavam, eles não faziam as atividades propostas, eles eram rebeldes e isso angustiava muitos as professores se isso fosse um disfarce dos problemas que eles tinham mas eles, eles, não, não aceitavam nenhuma proposta que o professor pudesse a vir a dar, acontece que certa vez eu já, num ato de desespero resolvi conversar com eles, e saber deles e tirar deles aquilo que eles esperavam da escola o que eles iam fazer na escola, já que nada conseguia atingir-los e nesse dia eu fiz um círculo e pedi que cada um falasse um pouco de si se apresentar-se e falasse também das suas expectativas futuras e presentes também e aos poucos eles foram se colocando e começaram a, e crucificar alguns professores, por quê? Porque alguns professores queriam que eles se enquadrassem num sistema de aula e, e que o professor estava preocupado com a aprendizagem, o conhecimento, o conteúdo o processo em fim do ensino aprendizagem, só que eles, eles não conseguiam alcançar isso, então o professor por sua vez exigia deles, esse tipo de postura, esse tipo de comprometimento, e eles não conseguiam do lado deles, acompanhar e começaram a falar dos professores, **que os professor não, não paravam**

para conversar, não davam trégua, não davam a chance de descansarem que era tudo muito cobrado e isso especificamente conversaram e começaram dar nomes a estes professores e um deles era o professor de geografia(G) na época o professor (G), que era um professor muito comprometido com seu trabalho, muito preocupado e com o conhecimento que o, que ele estava passando e o aluno adquirindo através dele, e eles não entendiam isso, os alunos, não entendiam essa preocupação do professor, eles achavam que o professor era um carrasco, hum, outros professores também como a professora (I) de inglês, imagine inglês para ele só se fosse o ingre, o inglês de, do dia a dia deles, que eles falavam, mas tirando isso eles não queriam saber de aprender outra língua, eles mal falavam a língua deles, a língua mãe o português, como eles poderiam falar inglês, também foi outra professora que eles e,e, falaram citaram na época ai eu sei que isso, como si tivesse. Bem a partir daí alguns professores estiveram na sala junto como a professora (B) que era a aula dela o professor (M) o professor de matemática, que ouviram né,! quase o desabafo também deles e eu fui conversar com os professor e passar para os professores passar aquilo que a gente tinha conversado dentro da sala de aula, e , e o professor (G) puxa, ficou muito,mais muito preocupado mesmo, e se via pelo rosto dele pelo semblante dele, que ele estava se, quase que frustrado, só que essa frustração dele foi boa, porque ele começou a reagir aos alunos, então ele começou a envolver os alunos de uma outra forma, o exemplo disso foi um teatro que ele fez com esses alunos acho que ele estava trabalhando a questão da região nordeste, da seca, da, do êxodo rural, da migração nordestina do sudeste no país e ele elaborou uma peça, escreveu com os alunos, e os alunos começaram a

ensaiar essa peça e começaram a se envolver que, acho que durante, durante dois meses um bimestre, gente semanalmente todas as aulas dele, pelo menos duas vezes por semana gente via e ouvia esses alunos pelo pátio da escola ensaiando cantando, e dramatizando as personagens, e no dia determinado que nos fizemos os evento na escola à peça finalmente foi apresentada e o mais e mais surpreendente o professor participou como um , um cangaceiro, travestido, e tudo mais da personagem corporando com o personagem **junto com os alunos, então e você percebia que os outros professores também começaram a enxergar a sala de uma outra forma, é lógico que na questão da aprendizagem foi complicada, porque eles não tinham condições de progresso e no conhecimento no que diz a questão do conteúdo não é um conhecimento, do conteúdo,** mas quanto a questão do social, **do relacionamento ouve assim um progresso e, incalculável não só com ele , com o professor mas com os outros professores também porque eles começaram a também se envolver com os alunos, com a sala, com peça que eles estavam preparando,** foi muito interessante e até hoje a gente e... fala, cita, e esse trabalho foi muito difícil, muito desgastante e, a, e lógico que no decorrer do ano, tivemos problemas com a sala a coisa não parou por ai mais e não é era mais só problema, nós tivemos um lado de satisfação, nós e eles também, os alunos, então foi uma experiência muito gratificante.